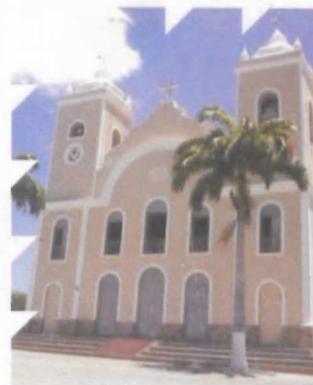




Acari

Berço da cultura e religiosidade na saga de um povo hospitaleiro.



Edição **SEBRAE**
Parceiro dos brasileiros





Acari

Berço da cultura e religiosidade na saga de um povo hospitaleiro.

Edição **SEBRAE**
Parceiro dos brasileiros

Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Norte - SEBRAE/RN

José Bezerra de Araújo Júnior
Presidente do Conselho Deliberativo

José Ferreira de Melo Neto
Diretor Superintendente

Horácio Barreto de Paiva Cavalcanti Neto
Diretor Técnico

Murilo Diniz
Diretor Administrativo Financeiro

Entidades que compõem o Conselho Deliberativo do SEBRAE/RN

Agência de Fomento do Estado do RN - AGN
Associação Comercial e Industrial de Mossoró - ACIM
Associação Norte-rio-grandense de Criadores - ANORC
Banco do Brasil S/A - BB
Banco do Nordeste do Brasil - BNB
Caixa Econômica Federal - CEF
Federação da Agricultura do RN - FAERN
Federação das Associações Comerciais do RN - FACERN
Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas do RN - FCDL
Federação das Indústrias do RN - FIERN
Federação do Comércio do RN - FECOMÉRCIO
Fundação de Apoio à Pesquisa do RN - FAPERN
Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do RN - SENAI / DR-RN

©2004. SEBRAE/RN Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Norte. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, sejam quais forem os meios empregados, sem a permissão, por escrito, da Editora. Aos infratores se aplicam as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106, 107 da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Fotografia: Moraes Neto

Foto da sangria do Gargalheiras (2004) à pag. 64: Foto Galvão

Mapa artístico de Acari: Adriano Campelo da Silva

Coordenação Geral: Inalda de Araújo Bezerra Marinho

Coordenação Editorial

Alberto Soares Coutinho

Inalda de Araújo Bezerra Marinho

Maria Célia Freire Cabral

Produção Editorial

SEBRAE/RN Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Norte

Av. Lima e Silva, 76 Lagoa Nova Natal/RN CEP: 59075-970

www.sebraern.com.br

Catálogo na fonte: Lúcia Maria Holanda Fontenele e Eliane do Amaral Soares (Bibliotecárias do SEBRAE/RN)

S491 a SEBRAE/RN

Acari: berço da cultura e religiosidade na saga de um povo hospitaleiro. Organizadores: Muirakytan Kennedy de Macedo et all. Natal: SEBRAE/RN, 2004.

87p. II.

ISBN 85-88779-10-2

1. Acari (RN) História. 2. Acari (RN) - Turismo. I. Macedo, Muirakytan Kennedy de. II. Marinho, Inalda de Araújo Bezerra. III. Título
CDU 379.85(813.2)

∴ ORGANIZADORES

Muirakytan Kennedy de Macedo
Inalda de Araújo Bezerra Marinho
Francinete Ferreira de Azevedo Souza
Maria da Guia de Medeiros
Sérgio Enilton da Silva
Helder Alexandre Medeiros de Macedo
Francisco Canindé de Medeiros

∴ COMISSÃO REVISORA E DE APOIO INSTITUCIONAL

Juarez Alves da Silva
Marluce Medeiros
Inalda de Araújo Bezerra Marinho
Francinete Ferreira de Azevedo Souza
Muirakytan Kennedy de Macedo
Maria da Guia de Medeiros
Francisco Canindé de Medeiros
Sérgio Enilton da Silva
Helder Alexandre Medeiros de Macedo
Alice Dantas

∴ PARCERIAS

UFRN Departamento de História e Geografia. CERES/Caicó.
Prefeitura Municipal de Acari.
Secretaria de Desenvolvimento Econômico
Museu Histórico de Acari.

COLABORADORES

Dom Eugênio de Araújo Sales - *Arcebispo Emérito do Rio de Janeiro*

Helder Alexandre Medeiros de Macedo - *Historiador e Professor*

Geraldo Batista - *Professor e Escritor*

Francisco Canindé de Medeiros - *Historiador*

Maria das Vitórias de Araújo Macedo - *Historiadora*

Inalda de Araújo Bezerra Marinho - *Economista e Professora*

Maria da Guia de Medeiros - *Pedagoga*

Zélia Santos - *Professora*

Francisca Izaura de Brito Barbosa - *Pedagoga e Professora*

Luiz G. M. Bezerra - *Comerciante e Escritor*

Paulo Bezerra - *Médico e Escritor*

Paulo Heider Forte Feijó - *Arquiteto e Professor*

Oswaldo Lamartine de Faria - *Historiador e Escritor*

Sérgio Enilton da Silva - *Historiador*

Alani Oliveira Vital - *Geógrafa e Professora*

José Celestino Galvão - *Professor*

Maria José Mamede Galvão - *Pedagoga e Professora*

Francinete Ferreira de Azevedo Souza - *Historiadora e Professora*

Maria do Socorro Galvão Costa - *Pedagoga e Professora*

Humberto Hermenegildo de Araújo - *Professor e Escritor*

❖❖ Acari: Cidade Viva, Tradição de um Povo

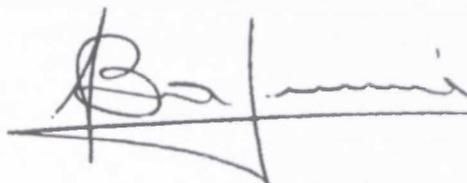
Esta obra registra fatos, personagens e monumentos que integram a história e a cultura de um povo hospitaleiro, simples e religioso. Que também sabe demonstrar o orgulho por sua cultura e suas tradições. Que mantém firme a fé e o amor à sua terra natal, mesmo quando a agreste natureza o castiga em longos períodos de estiagem. Enfrentados com galhardia, coragem e a obstinação dos fortes.

O acariense sintetiza esse perfil, fazendo de sua cidade um lugar único para se morar ou visitar, refúgio para o corpo e refrigério para a alma. Acari tem graça e personalidade, tão bem descritas por alguns de seus ilustres filhos nas páginas deste livro.

Ao editá-lo, o SEBRAE/RN pretende contribuir para o registro e divulgação de uma cidade em volta da qual se formou grande e importante parte da história do Seridó. História de lutas, resistências e conquistas, de alegrias, sofrimentos e sobrevivência. Moldando um povo e construindo seus sonhos e a esperança em uma vida melhor. Que depende da valorização de seu patrimônio histórico-cultural e da identificação de novas oportunidades para sua população.

O caminho percorrido por esta obra tem início quando os primeiros moradores da região gravaram na rocha figuras de animais, símbolos e rituais integrantes da sua visão de mundo. Relata verdadeiras epopéias, quando a população, mobilizada, construiu edifícios, igrejas e açudes. Mais que isso, forjou sua identidade, produzindo vultos que se destacaram, no passado, e se impõem, no presente, nos mais diversos campos do conhecimento humano. Política, religião ou arte: musical, literária ou manual, há sempre um talentoso acariense construindo sua história e reconstruindo o mundo.

É com enorme satisfação que o SEBRAE/RN incorpora, aos seus títulos editados, esta obra singela. Homenagem ao povo acariense, cuja persistência reafirma, comprova e engrandece a imagem do sertanejo. Corajoso e forte, habitante privilegiado de sua terra querida: Acari.



José Bezerra de Araújo Júnior

Presidente do Conselho Deliberativo do SEBRAE/RN

•• Apresentação

A prática do desenvolvimento sustentável volta-se não apenas para a preservação dos patrimônios naturais, culturais e econômicos, mas também para assegurar uma melhor qualidade de vida à população. Esta obra propicia a visualização da atividade turística para Acari, abrindo espaço para que o lugar seja entendido como depositário de uma identidade construída ao longo dos séculos.

Estamos convictos de que investir em turismo é estar respaldado em uma tendência histórica mundial de crescimento firme e regular. Mas o desenvolvimento turístico deve estar alicerçado na filosofia de que é preciso atender às necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem as suas próprias carências. Essa filosofia chama-se Desenvolvimento Turístico Sustentável. Ela permite o gerenciamento dos recursos, suprimindo necessidades econômicas, sociais e estéticas, preservando a integridade cultural, os processos ecológicos, a diversidade biológica e o sistema de apoio à vida.

A importância deste trabalho encontra-se no estímulo à reflexão sobre a realidade local, promovendo e qualificando o potencial turístico e cultural do município de Acari, com enfoque dirigido à conservação, preservação e sustentabilidade de elementos culturais. Este roteiro expõe o conhecimento da história regional, voltando o olhar para elementos constitutivos não levantados em nossa historiografia, possibilitando o estudo de novos conceitos ligados à construção da identidade cultural, às estratégias de preservação da memória, da cultura e das tradições, todos estreitamente ligados à atividade do turismo.

A vocação turística de Acari é relevante, quando se menciona suas belezas naturais, com imensas serras que circundam o núcleo urbano, o *Açude Gargalheiras que parece até o mar*, a religiosidade de seu povo e a tradição de “a cidade mais limpa do Brasil”. É um lugar aprazível pela riqueza natural, cultural, econômica e histórica. Calçamentos bem cuidados e ausência de sujeira nas ruas fazem com que a qualidade de vida seja muito alta, quando a referência é limpeza urbana. O casario urbano, um dos mais representativos e preservados do Estado, obedece às linhas clássicas e coloniais da arquitetura portuguesa. A conservação do conjunto arquitetônico, que incorpora elementos barrocos do século XVIII, pode ser conferida na primitiva igreja, que data da fundação da cidade e mantém suas linhas originais até os dias atuais.

Mas, para que Acari se projete e se mantenha no cenário turístico estadual, nacional e internacional, faz-se necessário o envolvimento da comunidade, visto que o turismo sustentável somente será alcançado através do trabalho planejado e gerenciado a partir das expectativas da comunidade. Que, com uma visão ampla e valorativa do seu patrimônio cultural, favorável a práticas renováveis no município, encontrará no turismo uma nova fonte de geração de trabalho e renda para a população.



Juarez Bezerra de Medeiros
Prefeito Municipal de Acari

•• Sumário

Acari: Cidade Viva, Tradição de um Povo	
Apresentação	
Mensagem de fé	10
<input type="checkbox"/> Sítios Arqueológicos Pré-históricos	13
<input type="checkbox"/> O Poço do Felipe	17
<input type="checkbox"/> Acari: Tempo Preservado e Tradição Cultuada	21
<input type="checkbox"/> A Igreja do Rosário	25
<input type="checkbox"/> Matriz de Nossa Senhora da Guia	29
<input type="checkbox"/> Museu Histórico de Acari	33
<input type="checkbox"/> Mercado Público	37
<input type="checkbox"/> Cemitério Público São Vicente de Paulo	39
<input type="checkbox"/> Escola Estadual Tomaz de Araújo	43
<input type="checkbox"/> Praça Coronel Silvino Bezerra	47
<input type="checkbox"/> O Monumento a Octávio Lamartine	49
<input type="checkbox"/> O Casario Urbano	51
<input type="checkbox"/> A Casa Sertaneja	55
<input type="checkbox"/> Andorinhões do Bico da Arara	57
<input type="checkbox"/> Serra de Lagoa Seca	61
<input type="checkbox"/> O Açude Gargalheiras	65
<input type="checkbox"/> O Cruzeiro do Galo	69
<input type="checkbox"/> Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas	71
<input type="checkbox"/> Festas Juninas	75
<input type="checkbox"/> Fazenda Trincheiras	79
<input type="checkbox"/> Inventores de Imagens e de Brinquedos	81
Referências	82
Glossário	84
Anexo I: Acari - Roteiro Urbano	86
Anexo II: Acari - Cercanias da Cidade	87

•• Mensagem de fé

A preservação da memória histórica de uma comunidade é de fundamental importância na vida dos povos. O progresso dos aglomerados humanos se faz de modo harmonioso, se sua cultura bem conservada, orientar os passos em busca de um futuro digno de quem foi criado à imagem de Deus. Esta publicação é valiosa contribuição a Acari.

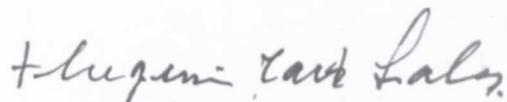
Certa vez, questionado sobre posições tomadas, atitudes assumidas, respondi que se fazia necessário, para entendê-las, conhecer o meio ambiente onde nasci. A visão panorâmica que se descortina, ao se chegar a Acari, vindo de Natal, é profundamente marcada pela imponência da Igreja Matriz dedicada a Nossa Senhora da Guia. Isto explica a sobrevivência do cristão em um ambiente característico do semi-árido sertão nordestino. As dificuldades, por maiores que sejam, serão resolvidas, sempre que buscarmos soluções que nasçam e cresçam à luz da Fé cristã. Aí se coloca a importância da festa da Padroeira de Acari, Nossa Senhora da Guia. Em sua celebração, além, evidentemente, da parte espiritual, há elementos culturais a serem preservados, pois contribuem para fortalecer valores que protegem e fortificam a fé cristã, principalmente, nos que emigraram para outras paragens. Voltar para a festa da Padroeira, a 15 de agosto, precedida de um solene novenário, que se repete ano a ano, século após século, é como um encontro dos membros de uma grande família. Alimentam, na festa, a devoção à Mãe comum, Nossa Senhora da Guia, com efeitos profundos em nosso comportamento, vencendo as dificuldades da vida e do ambiente para onde a Providência os chamou. A chama do farol se alimenta e, caso tenha se apagado, poderá ser reacendida na força dos ensinamentos que nascem do Evangelho de Jesus Cristo e frutificam nesta e na outra vida.

Longa e antiga é essa história. O povoado de Acari integrava o Curato de Piancó até 1737, sendo Dom José Fialho Bispo de Olinda, com jurisdição, portanto, em todo o Rio Grande do Norte e Paraíba, quando o Sargento-mor Manoel Esteves de Andrade obteve a autorização para construir uma capela dedicada a Nossa Senhora da Guia, como Padroeira. O passo seguinte foi a criação da freguesia, desmembrada já de Caicó, então Vila do Príncipe, cuja Matriz tinha a Senhora Santana como Padroeira. Em 1853 veio a decisão de construir a atual Matriz. Por fim, a 5 de agosto de 1867, foi trazida da Capela de Nossa Senhora do Rosário a imagem da Padroeira, Nossa Senhora da Guia. O edifício era e é magnífico.

A semente plantada germinou e cresceu à sombra da Igreja. Gerações e gerações de filhos de Acari nasceram, cresceram, frutificaram neste mundo afora.

Estas palavras nos exortam à fidelidade aos valores religiosos que sempre nos alimentaram. E chegamos ao III Milênio, apresentando uma cidade viva e exultante de alegria, que agradece à Mãe por todos os benefícios recebidos e lhe pede os favores indispensáveis para enfrentar a vida no mundo de hoje. A festa da Padroeira de Acari nos recorda a responsabilidade que pesa sobre nós, acarienses, na preservação e no fortalecimento dessa Fé cristã, que alimenta o comportamento sadio e fortifica na luta contra as intempéries - não só físicas, mas também morais - de nossa época. Esta publicação tem uma importância transcendental: alenta-nos a nós, os filhos de Acari, a conservarmos a tradição que tanto nos honra.

Rio de Janeiro, 26 de outubro de 2004



Cardeal Eugênio de Araújo Sales
Arcebispo Emérito do Rio de Janeiro



- ● Sítio Arqueológico Poço do Artur II
- ● Localização: Sítio Arroz

❖ Sítios arqueológicos pré-históricos

Helder Alexandre Medeiros de Macedo

Quando o homem branco colocou os pés no território que hoje é conhecido como Seridó, em meados do século XVII, movido pelo desejo de terras para a criação de gado, encontrou uma diversidade de grupos indígenas habitando o sertão. Os documentos de época costumam mencionar os Janduí, Canindé e Pega como algumas das tribos que protagonizaram esse encontro, cujo choque promoveu o extermínio de grande parte dessas populações. Alguns indígenas, no entanto, conseguiram sobreviver ao extermínio acontecido durante a Guerra dos Bárbaros e participaram do cotidiano das povoações e vilas que surgiam no Seridó a partir do século XVIII, enquanto algumas índias permaneceram escondidas nas grotas e altos das serras, sendo conhecidas, na memória social, como *caboclas brabas*, que teriam sido *pegas a dente de cachorro e casco de cavalo*. No entanto, a presença indígena nas terras que hoje fazem parte da cartografia do Seridó é muito mais antiga.

Segundo os estudos desenvolvidos pela arqueóloga Gabriela Martin, da Universidade Federal de Pernambuco, há dez mil anos grupos indígenas de caçadores-coletores já se movimentavam pelo sertão. As gerações posteriores a esses grupos iniciais teriam deixado, inclusive, registros de sua presença pintados e gravados nas rochas, além de seus mortos sepultados em algumas furnas da região. No município de Acari existem sítios arqueológicos que confirmam essa presença indígena pré-histórica: Poço do Artur I e II, na localidade Arroz; Malhada Vermelha, Grossos e Pinturas, nas localidades do mesmo nome; Tanques, na Barra do Rio Carnaúba, além da Furna da Onça, em Picos de Cima. A localização dos sítios arqueológicos de Acari foi feita pelo arqueólogo erudito José de Azevêdo Dantas (1890-1929), natural de Carnaúba dos Dantas, que empreendeu pesquisas de catalogação das pinturas e gravuras do Seridó paraibano e potiguar nos anos 20.

Os sítios arqueológicos Poço do Artur I e II, nesse contexto, revelam-se como de extrema importância por se constituírem monumentos aos grupos indígenas da região. Localizam-se às margens do Rio Acauã, após a Barragem do Gargalheiras, e em suas formações rochosas é possível encontrar grande variedade de gravuras rupestres - executadas em baixo relevo. Até hoje a maioria dos arqueólogos não chegou a conclusões precisas sobre quem seriam os autores dessas gravuras. Sabe-se que eram grupos indígenas de caçadores e que, provavelmente, cultuavam as águas. Essa é a opinião da arqueóloga Gabriela Martin, considerando que os registros sempre se encontram em leitos de rios, riachos ou olhos d'água. Tem-se que levar em conta, também, que as datações obtidas a partir do Carbono-14 para alguns sítios com essas gravuras - que os arqueólogos costumam



- ● Sítio Arqueológico Poço do Artur I
- ● Localização: Sítio Arroz

classificar como sendo pertencentes à Tradição Itaquiara - nos estados da Paraíba e Pernambuco remontam de seis a dois mil anos, período em que o Nordeste já se encontrava imerso num clima similar ao atual Polígono das Secas, com estações chuvosas e de estiagem. Não existem, até onde as pesquisas arqueológicas puderam avançar, datações através de Carbono-14 para sítios arqueológicos com gravuras sobre rocha na Região do Seridó. Gabriela Martin também cogita, em nível de hipótese, que os autores dessas gravuras rendessem cultos aos astros, a julgar pela grande quantidade de sinais que lembram sóis, estrelas, cometas e planetas que se acham gravados nas rochas. Nos estudos sobre a arte rupestre, entretanto, a grande maioria dos arqueólogos adota a perspectiva de não cair no perigo da interpretação e prefere fazer a descrição dos elementos que se encontram inscritos nos painéis.

Os sítios arqueológicos do município de Acari se constituem, assim, expressão do patrimônio cultural da região, denunciando a presença indígena muito antes da chegada dos colonizadores e sobrevivendo como monumento deixado pelos nativos. Merecem, portanto, a atenção e a cautela do poder público e a colaboração da população local, visando a sua conservação e preservação.



- ● Sítio Arqueológico Poço do Artur I
- ● Localização: Sítio Arroz



- ● O Poço do Felipe
- ● Localização: Rio Acauã

•• O Poço do Felipe

Geraldo Batista

O rio Acauã foi o rio da infância de todos os meninos de Acari. Logo que caíam generosas chuvas para os lados de Picuí era sinal que o rio desceria com água. Quem primeiro dava a notícia sobre a cheia era Seu Mário, o telegrafista. A cidade ficava em alvoroço esperando a hora de gritar: “- Lá vem o rio com água! Lá vem o rio com água!”. Mal ecoava o primeiro grito, os moleques saíam em disparada. Com a cheia, se podia tomar banho em qualquer lugar, mas quando as águas baixavam, era preciso procurar um poço.

Como todo rio que se preza, o Acauã tem o seu poço preferido, escolhido e eleito pela sabedoria popular para matar a sede dos primeiros viajantes e de seus animais. O poço, ao longo da história, foi sempre um ponto de aglutinação. A Bíblia registra vários, entre eles o poço de Jacó, onde Cristo se encontrou com a Samaritana. Os beduínos sobrevivem à custa dos poços dos oásis. Até guerra já se fez pelo controle de poços.

O Poço do Felipe, felizmente, não teve guerra. Só trouxe alegria para os jovens de Acari. Quem foi menino e não tomou banho no Poço do Felipe, não foi gente. As mães recomendavam: “- Meninos, não tomem banho em água quente, para não pegar febre!”. Mas, eles, tibungo dentro d’água. Depois era só secar o cabelo para as mães não desconfiarem. O poço era também ponto de encontro, onde os moleques iam conversar mais à vontade sem o olhar vigilante dos pais. Ali saía de tudo, conversa sobre safadezas, brincadeiras, cangapés e até brigas normais quando o vencido gritava: “- Tô rendido!”. As meninas eram proibidas de freqüentar o poço para não ficarem “faladas”. Nesse tempo, somente Alice, que morava perto do rio, se aventurava, escondida da mãe, a tomar banho junto com os meninos.

De vez em quando umas *donas* do cabaré de Beatriz iam tomar banho em uma latada, às margens do poço. Os meninos faziam de tudo para dar uma espiadinha. Quando viam qualquer coisa, com os olhos arregalados, logo corriam para contar a novidade aos demais. As mulheres não gostavam da idéia. Fora do *ambiente de trabalho* elas se comportavam como qualquer outra. Tinham também os seus pudores.

De acordo com Jayme Nóbrega Santa Rosa¹, “Pois, no leito seco do rio Acauã, junto à margem direita, abaixo meia légua pouco mais ou menos da garganta da serra conhecida como da Gargalheira, por onde as enchentes desciam encachoeiradas, havia um poço permanente de água sempre fresca. Por certo uma corrente líquida no subsolo do leito alimentava a fonte de modo a mantê-la sempre cheia.

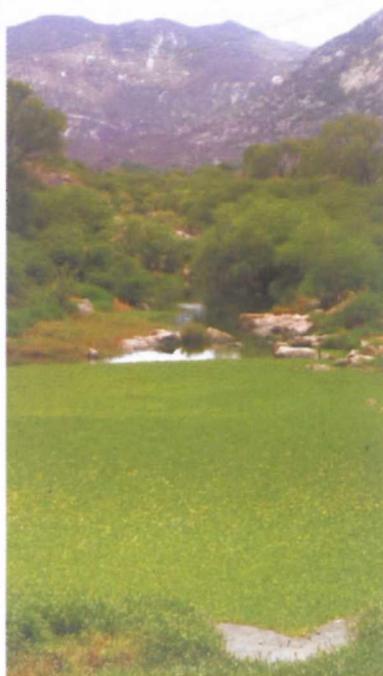
Grandes oiticicas à margem davam sombra densa ao poço, onde centenas de peixinhos nadavam. A espécie, ou variedade, desses peixes era chamada *acari* na língua dos naturais. Acari quer dizer (etimologicamente) acará pequeno².

Santa Rosa, na obra supracitada, à página 23 registra ainda sobre o poço:

“O viajante que ali pernoitava em redes armadas nos galhos de oiticica queixava-se do vento frio e forte, sobretudo em setembro, outubro e novembro. Certo dia, um transeunte mais paciente, ou um pequeno grupo, teve a idéia de construir um rancho. Ali mesmo cortou quatro forquilhas de aroeira, uns caibros de pereiro, umas varas de mofumbo, uns cipós de buji e uns ramos de oiticicas.

Fincados no chão as forquilhas e colocados na devida posição os caibros, improvisou-se um teto arrumando os ramos cheios de folhas, que são coriáceas resistentes e duradouras. Desta forma se conseguiu para o rancho uma parede do lado do nascente a fim de proteger contra o vento.

Aquele pouso cada vez mais se ia tornando conhecido. Quando se ensinava caminho, ou se preparava uma excursão, recomendava-se o poço do acari à beira do rio Acauã. Por um processo natural de simplificação, já se falava no Acari.”



O mesmo autor acima citado, á página 24 deixa uma lição para futuras gerações:

“Filho do Acari, da geração atual! Quando vires uma casinha de taipa coberta de palha, respeita. Numa semelhante viveram teus antepassados, sem angústias, felizes numa natureza verdadeiramente mãe, pródiga de caças finas, mel de abelha e frutos silvestres.”

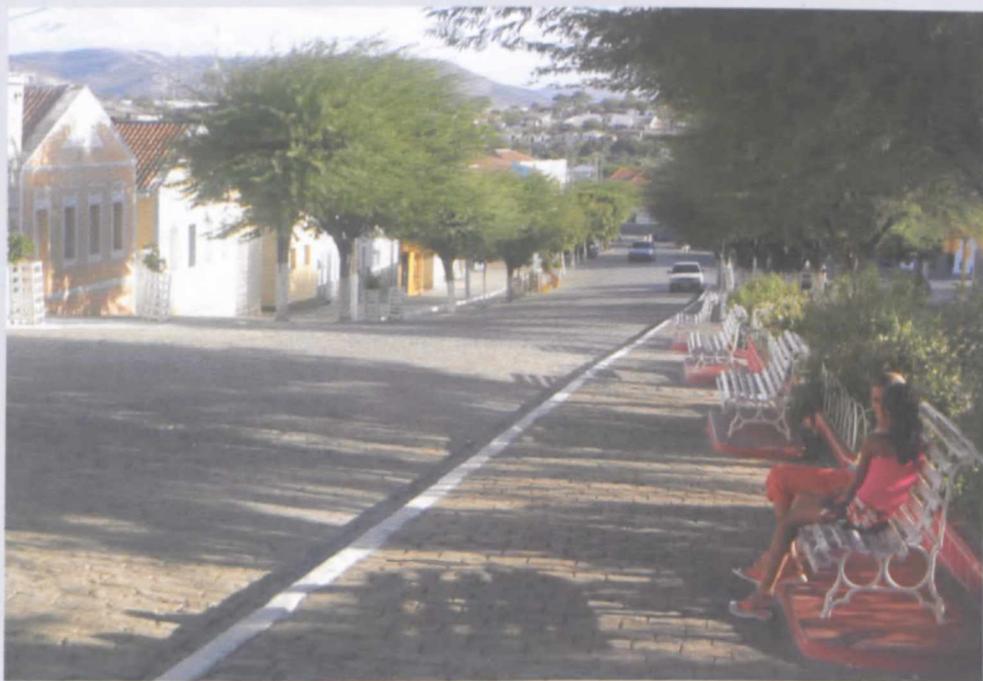
Qual seria a origem do nome do poço? Desde a antiga Grécia que a História se faz com a ajuda das lendas e da tradição oral. Em Acari não foi diferente. E como nas histórias romanescas teria que haver um casal apaixonado. Uma jovem bonita e rica e um jovem pobre, chamado Felipe. Do amor clandestino nasceria um garoto. Para evitar um escândalo, era preciso esconder o fruto do amor proibido. A jovem jogou o filho no poço do rio Acauã. Todas as vezes que Felipe ia se banhar no poço, ouvia o choro de uma criança. Impressionado e enlouquecido, resolveu se suicidar à beira do poço. E assim nascia o nome Poço do Felipe.

¹ cf Acari Fundação, História e Desenvolvimento, Ed. Pongetti, 1974, Rio de Janeiro, pág. 21

² cf Acari. Peixe de água doce do Brasil, vulgo cari (Loricaria plecostomus) do tupi acari (T.S), isto é, acara + i, "pequeno". José Machado, "Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa",



- ● O Poço do Felipe
- ● Localização: Rio Acauã



● ● Rua da Matriz
● ●

•• Acari: tempo preservado e tradição cultuada

Francisco Canindé de Medeiros

Um olhar sobre Acari, cidade histórica da região do Seridó, revela nuances prazerosas que somente o poder das coisas simples pode proporcionar. Situada entre cordilheiras que acentuam o relevo irregular da região, a pequena cidade é portadora de uma história rica, viva, permeada pela religiosidade, pela cultura e pelo comportamento dos seus habitantes, sedimentando, ao longo da sua formação e consolidação como cidade, valores imprescindíveis que marcam sua trajetória no espaço social e humano.

Do encontro cultural, nem sempre pacífico, entre índios, negros e colonizadores, surge o núcleo do povoado do Acari, que foi crescendo em torno de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Guia, cuja construção foi iniciada nos fins de 1737. Daquele marco de fé foram nascendo as primeiras ruas, formadas pelas casas dos primeiros donos de terra que aí se instalaram. Evoluiu rapidamente. A pecuária assegurou a prosperidade dos seus habitantes e em poucas décadas a pequena Vila estava inserida nos círculos de poder que garantiu a presença de seus representantes na elite política da então Província do Rio Grande do Norte. É por isso que não tardou sua emancipação política (1833) e sua independência religiosa da Matriz de Santana, da Vila do Príncipe. A vetusta Capela de Nossa Senhora da Guia obteve o status de Matriz em 1835, agregando a si as povoações mais próximas ao seu território. Assim, Jardim do Seridó, Currais Novos, Cruzeta e Carnaúba dos Dantas foram municípios que se desmembraram política e/ou eclesiasticamente de Acari.

Vem, desde o período Imperial, uma marca característica da cidade, que é a preocupação com a estética, acentuada principalmente pelo zelo em manter limpas as fachadas das residências e o alinhamento das construções. Data de 1835 uma Lei de Postura que determinava tais obrigações, inclusive impondo multas, a serem recolhidas pela Câmara, a quem violasse a Lei.

Já no período da República (1899) a cidade promulgava seu Código de Postura, no qual se evidenciava a limpeza da fachada das residências e prédios públicos, estipulando o período de dois anos para renovação dos serviços. Uma data chama a atenção no Código de Postura: a limpeza das casas deve ocorrer até o dia 06 de agosto, quando se inicia a Festa da Padroeira Nossa Senhora da Guia.

Nos anos posteriores, o caráter da limpeza de Acari foi sendo destacado pela preocupação em manter limpas as calçadas e arborizadas as ruas centrais, dando à cidade um aspecto bastante agradável. Na década de 70 a cidade ganhava, simbolicamente, o título de "Cidade mais limpa do Brasil", sendo destaque no programa Fantástico (10/11/1973), exibido aos domingos pela Rede

Globo de Televisão. Esse título vem sendo bastante explorado pelos administradores e pelos cidadãos acarienses, lisonjeados pela marca famosa. A cidade de Acari, com essa repercussão nacional, foi se tornando conhecida, principalmente pelo início da exploração de suas belezas naturais, com destaque para o Açude Gargalheiras e a Serra do Bico da Arara. A cidade entrou, em 1964, no rol do Patrimônio Histórico Nacional com o tombamento da primitiva Capela de Nossa Senhora da Guia, hoje Igreja do Rosário, e da antiga Casa de Câmara e Cadeia, hoje Museu Histórico de Acari.

No entanto, o zelo constante em manter a cultura de cidade limpa tem sido de fundamental importância para seus habitantes. Em decorrência disso, mesmo com a expansão da rede urbana, há por parte de seus administradores a preocupação com a infra-estrutura que envolve a construção de calçamentos, a arborização e, sobretudo, o saneamento básico. Além disso, o serviço de limpeza pública abrange todos os bairros e é modelo para as demais cidades do Seridó.

Assim, ao ostentar o epíteto de *cidade limpa*, evidencia-se o esmero dos cidadãos em destacar uma característica que vem de longe, que tem raízes históricas que estão fincadas na alma dos acarienses, externando a cada dia que Acari é uma cidade que cresce, mas que continua melhor para todos.



● ● Bifurcação das ruas Major Hortêncio com a Maria Nunes





- ○ Praça Cipriano Pereira
- ○ Localização: Centro da cidade



● 📍 Igreja do Rosário
● ● Localização: Rua Dr. José Augusto

•• A Igreja do Rosário

Maria das Vitórias de Araújo Macêdo

Como marco de fé e religiosidade implantado no sertão do Acauã, a Igreja do Rosário, com simplicidade e beleza da arquitetura barroca, testemunha histórias registradas em linhas temporais, vestígios da ação do homem e do seu relacionamento com Deus.

A construção do templo se deu através de petição encaminhada ao Bispo de Olinda - PE, Dom José Fialho, pelo Sargento-Mor Manuel Esteves de Andrade no ano de 1737, onde relatava as dificuldades de deslocamento dos moradores da localidade para a celebração do culto divino. Por isso pedia permissão para erigir uma capela com a invocação de Nossa Senhora da Guia, no lugar chamado Acari, distrito do Curato de Piancó. Aos 12 de novembro de 1737, foi concedida a licença para a construção da Capela de Nossa Senhora da Guia. A Capela foi edificada numa pequena chapada em nível superior ao povoado, com a frente para o Norte e a parte posterior para o casario pobre à margem do rio.

Após o término da construção, o sargento-mor enviou à autoridade eclesiástica uma petição para a bênção do templo e a realização dos ofícios religiosos. A autorização foi atendida com o despacho do mesmo bispo, em 14 de abril de 1738.

A Capela entrou em atividade e se passou a celebrar ali os primeiros ofícios religiosos. As Missas dominicais transformavam o povoado em dia de festa e conagração entre os habitantes da região. Inicialmente, a Capela pertencia à Freguesia de Nossa Senhora do Bonsucesso, de Piancó, na Paraíba (hoje Pombal); posteriormente, foi incorporada à Freguesia de Santana, quando esta foi criada em 26 de julho de 1748. Pela Lei Provincial n.º 15, de 13 de março de 1835, Acari elevou-se à categoria de Freguesia e a Igreja de Nossa Senhora da Guia foi elevada à condição de Matriz, desmembrando-se da Matriz de Santana da Vila do Príncipe (atual Caicó).

A igreja edificada no século XVIII passou por várias modificações. A maior delas ocorreu no período de 1836 a 1840, por iniciativa do Capitão Tomaz de Araújo Pereira, momento em que foram construídos os corredores laterais e o patamar.

Com a construção da nova Matriz e a trasladação da imagem da padroeira, em 1867, a Igreja é consagrada a Nossa Senhora do Rosário. Em 1964 é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Após o tombamento foram realizadas duas restaurações: a primeira no ano de 1979, quando foram expurgados os altares laterais feitos em alvenaria e a segunda, em 1997, quando constaram obras na estrutura física do prédio e restauração do retábulo.

O templo é constituído de capela-mor, nave e coro, possuindo piso revestido de tijoleira.

No interior destacam-se as linhas simples, contrastando com o belo retábulo de madeira da capela-mor, caprichosamente trabalhado com volutas e concheados de influência barroca, todos em fios dourados, com florais, cestarias e curvas. A arte sacra é em número pequeno mas expressivo, sendo seu acervo composto pelas imagens de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, São Gonçalo Garcia, São Pedro Apóstolo, São Gabriel, São Benedito e São Bento.

A fachada principal do prédio, emoldurada por cunhais e cornijas, é marcada pela simplicidade de suas linhas. Apresenta um frontão com características e traços barrocos, ornamentado com volutas e rosáceas e ladeado por dois coruchéus. Possui uma porta de acesso e duas janelas no nível do coro, todas em vãos de arcos abatidos com cercaduras de massa. Uma escadaria de acesso valoriza a entrada da igreja.



● ● Interior da Igreja do Rosário
● ● Detalhe do retábulo

A festa de Nossa Senhora do Rosário era celebrada nos preceitos de fé e devoção, onde “a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, vestidos a caráter e com certo luxo, desempenhavam os papéis de rei, rainha, e outros personagens, tanto em solenidades na própria igreja em que as figuras régias se apresentavam em tronos, como em passeata pelas ruas da Vila com guardas reais, munidos de espontões” (SANTA ROSA, 1974).

A dança consistia em evoluções ritmadas ao som de tambores surdos e pífanos. Tradições que ficaram no tempo e na memória dos acarienses, assim como tantas outras, que denotam o caráter de religiosidade e cultura popular.

A Igreja do Rosário é localizada à rua Dr. José Augusto, no centro da cidade. Encontra-se aberta à visitação pública desde que programada e acompanhada por guias. São celebradas Missas semanais e o prédio sedia encontros de grupos pastorais da Paróquia. A Festa de Nossa Senhora do Rosário é celebrada no período de 23 de dezembro a primeiro de janeiro, coincidindo com as festas de fim de ano.



- Igreja do Rosário
- Centro da cidade



•• Matriz de Nossa Senhora da Guia

Inalda de Araújo Bezerra Marinho

Emoldurada pelo céu de um azul profundo, visível da maior parte das ruas da cidade, a imponente Matriz de Acari, dedicada a Nossa Senhora da Guia, é orgulho e símbolo de fé para acarienses e seridoenses.

A cada dia 15 de agosto, todos os anos, uma multidão irmanada pelo fervor à santa padroeira aplaude demoradamente a imagem que, em seu andor, desponta à porta principal da igreja, sendo carregada em procissão pelas amplas e limpas ruas da cidade. Encerra-se a “Festa de Agosto”, que durante 11 dias mobilizou a cidade em festejos religiosos e profanos, envolvendo sua população, visitantes e turistas provenientes de diferentes destinos. Tudo acontece na Matriz e no seu entorno.

Festa semelhante acontecera em 1867, ano em que o templo foi considerado concluído, sendo para ele trasladada a imagem de Nossa Senhora da Guia. Câmara Cascudo (1998) registra que o primeiro vigário colado, Padre Tomaz Pereira de Araújo, à frente de 18 sacerdotes, conduziu uma procissão tão grande como jamais fora vista em todo o Seridó. Segundo texto integrante do acervo do Laboratório de Documentação Histórica do Campus da UFRN de Caicó (provavelmente escrito por um acariense), não havendo acomodação para a multidão que acorrera à festa foram feitas “ruas inteiras de ranchos, e estes alugados, até vinte mil reis (sic)”. Era a repercussão do término da construção de um templo magnífico. Edificá-lo, naquele tempo e com tais proporções, foi obra admirável.

A pedra fundamental, benta pelo Vigário de Caicó, Padre Manoel José Fernandes, fora assentada em 15 de agosto de 1857. Nos dez anos seguintes o edifício foi ganhando forma, apesar das diversas paralisações causadas pela falta de recursos e até por uma peste de varíola.

Erguido em pedra e cal, consumiu talvez 200 mil tijolos de adobe. “Mede 204 palmos de fundo, e 87 de frente, 40 na biqueira, e as torres com 105 de altura”, conforme atesta o citado documento. Nestor Lima (1929) registra 44,37 m de comprimento por 19 de largura, 2 torres com 3 sinos, 2 capelas, 7 altares, 10 tribunas e igual número de arcadas, além de pia batismal.

Os números de sua construção são grandiosos, havendo períodos em que trabalhavam nela 12 a 14 pedreiros, 6 a 12 carpinteiros e até 30 serventes. Pedra e madeira eram carregadas por 7 a 8 carros. A cal em pedras vinha do Acauã, em lombo de cavalos. As tesouras para o madeiramento foram trazidas da Luisa (hoje, município de São Vicente) e Flores (hoje, Florânia), de onde chegaram, de uma só vez, 16 carros carregados, puxados por 32 juntas de bois.

Por haver muito trabalho gratuito, o custo da obra nunca pôde ser calculado com precisão. Estima-se que foram gastos 100 contos de réis, a grande maioria doada pelos fiéis, exceto 4 contos de réis vindos da Assembléia Provincial e 11,5 contos de réis apurados com a venda de duas fazendas de gado que pertenciam às Irmandades do Santíssimo e de Nossa Senhora da Guia.

Ao longo do tempo diversas reformas foram feitas na igreja, principalmente nos altares, onde foram entronizadas diversas imagens, muitas adquiridas na Europa.

O prédio secular guarda muito da história de Acari. Nele estão os restos mortais de ilustres personagens da história acarienses, como Tomaz Pereira de Araújo, que em 1824 foi nomeado o primeiro Governador da Província do Rio Grande do Norte. Também está ali sepultado o seu neto, de nome idêntico, que foi vigário da freguesia no período de 1835 a 1893, com breves intervalos de ausência.

Na pia batismal da Matriz de Nossa Senhora da Guia, em 20 de novembro de 1920, a criança Eugênio de Araújo Sales recebeu o primeiro dos sacramentos. Já como Arcebispo Emérito do Rio de Janeiro ali celebrou a missa comemorativa do seu cinquentenário de bispado, em 15 de agosto de 2004, contando com a presença de 13 bispos, um deles representando o Santo Padre João Paulo II, além de cerca de 50 padres, inúmeros religiosos e fiéis que superlotaram a igreja. Seus sinos repicaram festivamente na inédita homenagem ao acariense, único potiguar a ser alçado à condição



O toque dos sinos - e em Acari os sinos têm nomes, seguindo antiga tradição na Igreja: Maria, Joaquim e Manoel - têm também uma nota plangente quando anunciam falecimentos. Crianças, chamadas anjos, têm repiques em sino fino. Mortes de homens, mulheres ou donzelas são anunciadas com toques diferentes, que alternam sons graves com agudos. Passam-se os anos, vão-se figuras que marcaram a vida da cidade. Permanece, porém, viva e palpitante na população acariense, a fé na sua padroeira e o orgulho pelo edifício que a abriga e guarda, a Matriz de Nossa Senhora da Guia.



- ● Matriz de Nossa Senhora da Guia
- ● Localização: Rua da Matriz



- ● Museu Histórico de Acari
- ● Endereço: Rua Antônio Basílio, 11

•• Museu Histórico de Acari

Maria da Guia de Medeiros

A história do monumento começou em 1830, quando Tomaz de Araújo Pereira fez uma cadeia de barro e pedra, a qual durou até 1864. Dez anos depois, em 1874, fez-se a planta de uma nova cadeia, sob a direção do Capitão Manoel Francisco Dantas Correia, então Presidente da Câmara. Por circunstância de uma seca devastadora na região, ocorrida no período de 1877 a 1879, foi instalada no Acari pelo governo provincial a Comissão de Socorros Públicos, iniciativa destinada à utilização da mão-de-obra atingida pela seca, empregando-a na construção de obras públicas.

O Coronel Silvino Bezerra de Araújo Galvão, chefe político acariense, recebeu a incumbência de construir um prédio na Vila de Acari, cuja destinação seria a de servir de Paço Municipal.

A Casa de Câmara e Cadeia teve sua construção concluída em 1887, com um custo de 15 contos de réis. Trata-se de um prédio de expressivo valor arquitetônico. Encontra-se sobre um platô, mais elevado que o nível da rua, o que lhe confere imponência. Apesar de ser uma construção do período imperial, possui em sua fachada elementos característicos da arquitetura colonial.

Sua estrutura é composta de dois pavimentos. Funcionou no térreo a delegacia de polícia até o ano de 1986 e, posteriormente, a Secretaria de Ação Social. O pavimento superior funcionou inicialmente como Intendência (1890, período republicano), o equivalente à Câmara Municipal. Sua história registra também diversas outras funções, como: salão de espetáculos (bailes, dramas e exibições cinematográficas), local de votações, cartório, moradia de delegados e soldados, sede da banda de música, escola de datilografia e biblioteca pública municipal. Em 1990 passou a abrigar em toda sua estrutura o Museu Histórico de Acari.



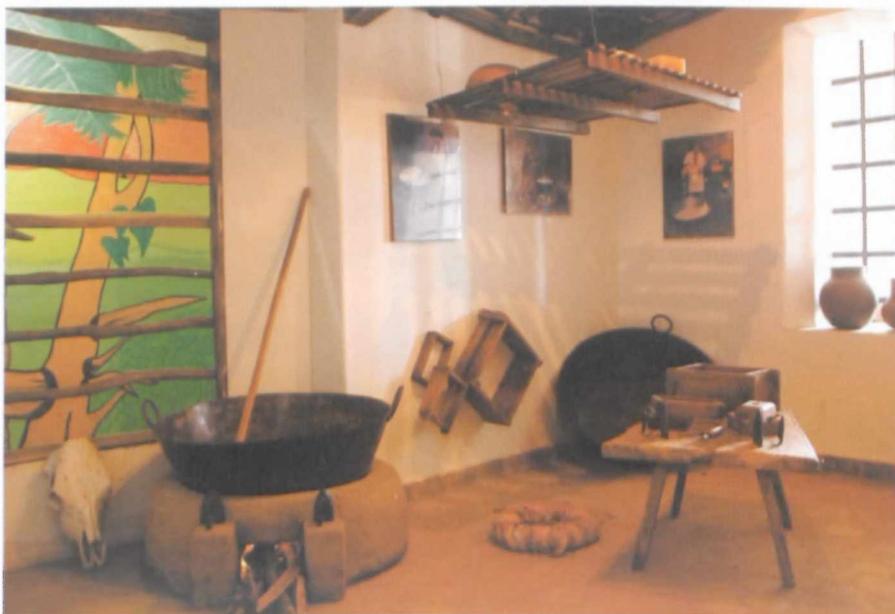
•• Detalhe do Frontão
••

Riqueza histórica e secular permeia a Casa de Câmara e Cadeia, tombada em 16 de junho de 1964 pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Ao longo desses anos passou por duas restaurações a título de conservação do patrimônio nacional.

O Museu, criado pela Lei nº 552/90, tem a finalidade de recolher, inventariar, expor e desenvolver estudos dos bens culturais (material, imaterial e natural) ligados à identidade do município de Acari e da região do Seridó.

O Museu Histórico de Acari nasceu fundamentado na visão da nova museologia, projetado e criado com a participação da comunidade. A sua proposta conceitual consiste na contextualização do acervo em módulos representativos da economia regional e dos costumes do sertão seridoense, retratados em cenários, como: a cozinha do queijo, a pesca, o ciclo do couro e do algodão, a arte sacra, o quarto das casas de fazenda e outras vivências sertanejas.

Esse patrimônio cultural apresenta atuação dinâmica, desenvolvendo projetos em parceria com as escolas e a comunidade. Regularmente visitado, proporciona uma leitura dos homens que compartilham saberes, ocasionando novos olhares ao fazer cultural das relações homem e sociedade.



● ● Módulo da cozinha de queijo
● ●



● ● Módulo do algodão
● ●



● [] Mercado Público
● ● Endereço: Praça Coronel Silvino Bezerra, nº 32

❖ Mercado Público

Zélia Santos

O Mercado Público de Acari representou, por várias décadas, pólo aglutinador de relacionamentos sociais, através do ajuntamento coletivo e ação participativa de uma tipologia humana composta de lavradores, vaqueiros, proprietários e agregados, trabalhadores e homens de negócios. De início, eram os elementos da vila que se congregavam em torno da movimentação feirante semanal, comprando, vendendo, ou simplesmente, conversando e trocando idéias. Depois, foram chegando moradores e pessoas das vizinhanças, atraídos pela popularidade e importância comercial da feira, alargando o intercâmbio social e econômico do município.

De acordo com os registros, a multiplicação do gado e do povo e a prosperidade dos tempos impuseram a edificação do mercado público, no terreno desimpedido com as demolições de várias construções de pouco valor venal, na época da remodelação da vila, por volta de 1865, quando construíram melhores e maiores casas.

Na mesma época da Casa de Câmara e Cadeia (1878-1887), hoje sede do Museu Histórico de Acari, edificou-se o Mercado Velho, um monumento do Segundo Reinado, considerado o melhor do Seridó. Com sete portas em arco para o largo (atual praça Cel. Silvino Bezerra), providas de grades de ferro e no maior asseio possível, seu valor foi estimado em mais de cinco contos de réis.

Antônio Basílio de Araújo, comerciante de tecidos e miudezas, proprietário da primeira farmácia de Acari, ao assumir a Intendência (1920-1928), dividiu o mercado em dois prédios para dar acesso à Rua do Comércio (atual rua Juvenal Lamartine), época em que executou o primeiro plano de pavimentação da cidade, calçando a Praça do Mercado.

O prédio do norte, com duas portas, era conhecido como “Mercado de Carne” e o do sul, com três portas, denominado “Mercado de Miudeza”.

Em 1988, na segunda gestão do Prefeito José Braz Filho, o Mercado de Miudeza foi remodelado e descaracterizado. O Mercado de Carne, hoje Açougue Público, externamente permanece com suas características originais. É ainda um belíssimo atestado arquitetônico do passado, com a nobreza de suas linhas e curvas puras, sugestivas e nitidas, legado dos edificadores que nos antecederam.



- ● Cemitério Público São Vicente de Paulo
- ● Endereço: Rua Cipriano Pereira, nº 30

❖ Cemitério Público São Vicente de Paulo

Francisco Canindé de Medeiros

A piedade cristã, ao longo dos séculos, consagrou o costume de sepultar os mortos em locais sagrados, já que a crença na ressurreição da carne é uma das principais regras de fé do credo cristão. Esse princípio de fé alia-se ao princípio da sacralidade do corpo, feito pelo Criador “à sua imagem e semelhança”. O culto aos mártires era celebrado com especial devoção pela Igreja primitiva, que se reunia nas necrópoles onde estavam sepultados aqueles que tinham dado a vida pela sua fé. Assim, a igreja, templo sagrado, tornou-se por excelência o local apropriado para guardar os restos mortais dos seus membros.

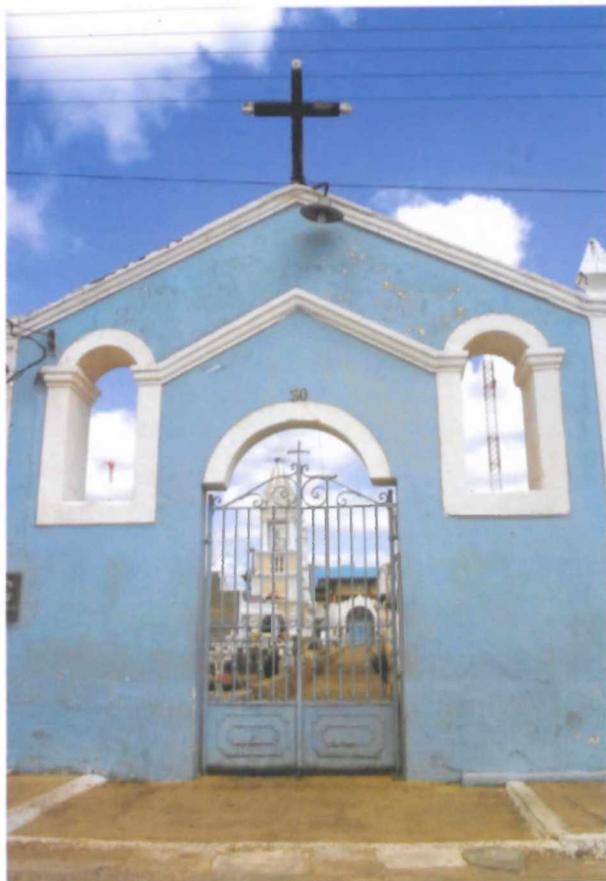
Em Acari, quando da construção da primeira igreja, esta tornou-se logo o local destinado para o descanso eterno dos fiéis. No interior do templo que hoje é a Igreja do Rosário foram sepultados os primeiros moradores da terra, devidamente acomodados no recinto sagrado de acordo com a posição social do falecido. Tem-se notícia de um cemitério que fora construído ao lado da primitiva matriz e que posteriormente foi desativado para abrir o espaço lateral da igreja, viabilizando o tráfego de viajantes e transeuntes.

Em 1856, com o surgimento de uma epidemia do *cólera morbus* suspendeu-se a inumação de cadáveres no recinto da igreja, já que a doença era bastante contagiosa. Por iniciativa do vigário, Padre Tomaz Pereira de Araújo, foi destinado um terreno, afastado da cidade, para servir de cemitério, sendo devidamente abençoado para poder acolher os despojos dos vitimados pelo *cólera*: é o atual Cemitério Público São Vicente de Paulo. O espaço foi inicialmente delimitado por uma cerca de ramos. Em fevereiro de 1860 já estava cercado por um muro de pedra e cal, trabalho do mestre obreiro Clemente Gomes Pereira.

Em 10 de janeiro de 1893, a Intendência Municipal secularizou o cemitério, passando-o à tutela administrativa da cidade. Em abril de 1895 foi devolvido aos cuidados da Igreja e em 07 de janeiro de 1898 foi novamente secularizado pela Intendência Municipal.

Atualmente, o espaço do cemitério é distribuído em 8 quadras principais, onde se harmonizam as covas rasas e os túmulos de alvenaria (mais antigos) e mármore ou granito (mais recentes). Ao fim da avenida principal uma pequena capela completa o conjunto da obra. O frontão do cemitério tem linhas simples e imita o frontispício de uma igreja, com um portão de ferro encimado por duas aberturas em forma de janela e uma cruz de madeira que predomina sobre a entrada.

Nas várias sepulturas e túmulos encontram-se reduzidos a pó aqueles que construíram a história do município em suas várias vertentes: social, econômica, política e religiosa, sem esquecer os que viveram e morreram no anonimato, mas que deixaram um legado precioso sedimentado na



● ● Frontão do cemitério
● ●

memória do povo. Uma peculiaridade marca a existência do cemitério: a sepultura à qual foi devotada mais preces e onde se acenderam mais velas guarda o cadáver de um desconhecido: o “Homem da Bueira”, assim chamado o corpo que foi encontrado em adiantado estado de decomposição e sem condições de identificação numa bueira que dá acesso ao Rio Ingá, nos inícios da década de 70. O corpo foi trazido para a cidade e sepultado em cova rasa e logo caiu nas graças da devoção popular, sendo raros os domingos em que não se celebram missas em intenção de sua alma.

Com a capacidade de construção de novas sepulturas esgotada, a Prefeitura Municipal construiu um novo cemitério, localizado no Bairro Petrópolis e que foi inaugurado em 1996.

Ao longo de quase 150 anos o espaço do cemitério São Vicente de Paulo tem sido utilizado para sepultar ricos e pobres, gente anônima e célebre, igualando a todos os que são acolhidos pela mesma terra e fazendo cumprir o veredicto divino sobre a finitude humana exposto na sagrada escritura: “És pó e ao pó retornarás” (Gen 3, 19).



● ● Detalhe da área interna do cemitério
● ●



- ● Escola Estadual Tomaz de Araújo
- ● Endereço: Rua da Matriz, nº 210

•• Escola Estadual Tomaz de Araújo

Francisca Izaura de Brito Barbosa

A Escola Estadual Tomaz de Araújo foi criada pelo decreto nº 123, de 13 de março de 1909, com a denominação Grupo Escolar Tomaz de Araújo, funcionando provisoriamente na antiga Casa dos Padres (atual Fórum Municipal). Ela foi reformada pelo esforço do comerciante acariense de idéias progressistas, Francisco Bezerra de Araújo Galvão, que além de conseguir contribuições valiosas para a realização desse objetivo, levantou empréstimo para terminar no mesmo ano a referida obra.

Em primeiro de agosto de 1942, na gestão do Prefeito Municipal Ângelo Pessoa Bezerra e do Interventor Federal Rafael Fernandes, foi inaugurada a atual edificação, ao lado da Igreja de Nossa Senhora da Guia. Foi o primeiro educandário construído na cidade, o segundo do Seridó e o quarto mais antigo do Rio Grande do Norte. Como primeira diretora foi nomeada a professora Beatriz Mirtes de Araújo Bezerra, que exerceu o cargo no período de primeiro de agosto de 1942 a 31 de dezembro de 1950.

Foi um oportuno exercício de memória a escolha do patrono dessa instituição de ensino, prestando-se um tributo àquele que deu tudo de si pela província materna, o acariense Tomaz de Araújo Pereira. Grande vulto na história política do Seridó, foi nomeado pelo Imperador Dom Pedro I para governar o Estado, ocupando o cargo de Primeiro Presidente da Província do Rio Grande do Norte, no período de 05 de maio a 08 de setembro de 1824.

Atualmente a Escola Estadual Tomaz de Araújo oferece ensino fundamental a uma clientela diversificada, cuja matrícula ultrapassa seiscentos alunos, distribuídos em três turnos. Trabalha um projeto pedagógico cuja metodologia é voltada para a construção do conhecimento em conformidade com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Desenvolve atividades administrativo-pedagógicas, sócio-culturais, religiosas e recreativas, além de eventos como festas juninas, jantares beneficentes, que se realizam em seu salão de festas, funcionando como um auditorio. Dividido por um tabique torna-se duas salas de aula.

Até o ano de 1968 (quando foi construído o primeiro clube da cidade) o grande salão da Escola Estadual Tomaz de Araújo, atendendo à demanda social, era o cenário para encontros festivos, principalmente para o baile de encerramento da "Festa de Agosto". A sociedade local contratava o melhor conjunto musical da região e comparecia com traje passeio formal, tendo como ponto alto a coroação da Rainha da Festa. Buscando fazer um resgate da época, há nove anos acontece nesse local a festa dançante "Reviver", organizada por acanenses residentes noutras plagas que aí se confraternizam. O evento tornou-se parte do calendário social da Festa de Nossa Senhora da Guia.

Em toda a sua história, a Escola Estadual Tomaz de Araújo tem sido uma referência de ensino de qualidade. Ainda hoje é motivo de orgulho para os acarienses egressos desse estabelecimento de ensino, principalmente os residentes noutros rincões que ao visitarem a terra natal comentam, com saudades, os bons tempos ali vividos e a excelência do conhecimento obtido. É que sempre houve por parte das autoridades locais uma preocupação quanto à boa escolha dos seus dirigentes, dos seus professores e com a sua organização.



O ensino ali ministrado propiciou a execução de idéias inovadoras. Apenas para exemplificar, no início da década de 60 (século XX) ali funcionou a ZYB-4 Rádio Mirim do Grupo Escolar Tomaz de Araújo. Sob a orientação da professora Dária Darci da Silva, uma turma de adolescentes da quinta série estruturava e executava programas literários, semanalmente. Isso propiciava o desenvolvimento do espírito crítico e um maior envolvimento com a comunidade. Posteriormente, alguns desses alunos, ao continuarem sua vida acadêmica em Caicó, maior cidade da região do Seridó, tornaram-se radialistas na Rádio Rural, inaugurada em 1963.

A tradição se mantém. Atualmente a quase totalidade do corpo docente possui curso superior, muitos com especialização, que procuram recriar sua prática pedagógica, oferecendo uma educação pública de qualidade. Essa foi sempre a marca registrada da secular escola de Acari, o Grupo Escolar Tomaz de Araújo.



● ● Escola Estadual Tomaz de Araújo
● ●



- Praça Coronel Silvino Bezerra
- Localização: Centro da cidade

•• Praça Coronel Silvino Bezerra

Luiz G. M. Bezerra

Na praça mais central de Acari observa-se uma imponente herma em bronze, belo trabalho do notável artista potiguar professor Hostílio Dantas, composto na Fundação Gavina, à rua Vicente de Carvalho, no Rio de Janeiro. O busto está assentado em um pedestal de rocha granítica da região, ao que se sabe construído pelo mestre Estevam, o Espanhol, pioneiro na cidade na arte da cantaria.

O monumento, inaugurado em 06 de março de 1925, foi erguido pelos amigos de Silvino Bezerra de Araújo Galvão, para perpetuar e homenagear, em sua cidade natal, a memória de um ilustre patriarca sertanejo, que exerceu, sempre com muita dignidade, os mais variados cargos públicos. Foi chefe político do Acari por mais de 50 anos, sem nunca ter sofrido uma derrota, quer seu partido estivesse no poder, quer na oposição, tanto na Monarquia quanto na República.

Assumiu a direção política de Acari com 32 anos de idade, em 1868, em substituição ao seu tio João Damasceno e só a morte, em 1921, o liberou do pesado encargo, que suportou por longos anos. Foi Intendente do Acari nos períodos de 1893 a 1895 e de 1914 a 1916. Foi ainda Juiz de Paz na Monarquia, Deputado Provincial no Império e Estadual na República, regime político no qual foi também Vice-governador do Estado. O Marechal Floriano Peixoto o nomeou Coronel Honorário do Exército Nacional, pelos relevantes serviços prestados à causa da República, da qual foi um dos grandes propagandistas.

O Coronel Silvino Bezerra deixou muitos descendentes, exercendo os papéis de patriarca da família e de chefe político autêntico, católico praticante, homem de sociedade, ligando-se, assim, aos mais importantes problemas da região. Lutador infatigável, enérgico, paciente, exímio conversador e dono de argumento pronto, foi um benfeitor de sua gente e de sua terra. Esteve presente ao desenvolvimento de sua comunidade desde os primeiros instantes, em todos os eventos religiosos, na construção de estradas e dos primeiros grupos escolares, na iluminação da cidade, sendo grande incentivador da construção da Casa de Câmara e Cadeia, do açude Gargalheiras e de tantos outros melhoramentos para o município.

Recebeu, o Coronel Silvino Bezerra, instrução muito elementar, que sua inteligência e perspicácia de espírito não deixava transparecer. Tinha raciocínio rápido, a palavra fácil e uma gama imensa de vocabulário, a par de um físico privilegiado e simpatia irradiante, fazendo-o possuidor de um círculo invejável de amigos. Sua influência social e política se espalhava por toda a região do Seridó, sendo notada até mesmo na capital do Estado.

Finalmente, como disse o seu genro, Juvenal Lamartine de Faria (Governador do Rio Grande do Norte no período de 1928 a 1930): “Já velho, nunca se poupou de acudir pessoalmente aos que necessitavam de auxílio, mesmo quando se tratava de uma pessoa de baixa condição social. Ninguém merecia mais do que ele o qualitativo de verdadeiro patriarca e grande apóstolo do bem”.

O Coronel Silvino Bezerra de Araújo Galvão nasceu em Acari, em 21 de junho de 1836 e faleceu ainda em Acari, a 10 de março de 1921, aos quase 85 anos de idade.



- ● O monumento a Octavio Lamartine
- ● Localização: Rua Otávio Lamartine

∴ O Monumento a Octávio Lamartine

Paulo Bezerra

A rua Octávio Lamartine, em Acari, guarda a memória de um dos seus mais ilustres filhos.

Octávio Lamartine de Faria veio ao mundo na fazenda Ingá, em 12 de junho de 1903, e fez seus estudos preliminares no Acari. Em Lavras, Minas Gerais, colou grau em Agronomia em 1924, embarcando para os Estados Unidos em 1925, indo para a Universidade da Geórgia, como prêmio por ter sido o aluno laureado da sua turma. No Texas e Arizona (1926), estudou o comportamento do algodão de fibra longa. De volta, abrejado de saber, organizou o Serviço de Algodão do Estado (1927) e estruturou a Estação Experimental do Seridó, em Cruzeta, para onde foi posteriormente transferido o Campo de Sementes de Bulhões, por ele dirigido.

Oswaldo Lamartine, seu irmão caçula, escreveu: “Depois da grande seca dos três oitos (1888) o nosso algodão mocó principiou a arregalar os olhos da indústria têxtil estrangeira. É que algodão quase todo o mundo produz, mas as variedades de fibra longa e extra longa, é privilégio de uns poucos. E o nosso algodão-mocó não carecia de ser irrigado como o deles. Era uma planta perene, arbórea, de fibra sedosa, branco-cremosa, longa e resistente, que vegetava em condições ótimas no Seridó.” E mais na frente: “A boca mais escancarada da usina engolindo também as safras vizinhas e até de municípios fora do Seridó passando nas máquinas toda qualidade de algodão, num processo criminoso de 'castear' o trabalho de tantos anos da natureza. A fibra do mocó, de safra em safra, mais perdia a sua uniformidade. A planta que pela sua perenidade chegou a ser um bem de raiz, também minguava a sua vida”.

Este, o quadro a enfrentar como profissional. A sua postura, no entanto, deu origem a uma liderança muito forte elegendo-se prefeito de sua terra em 1928, mandato interrompido pela Revolução de 1930. Recolhido ao Ingá, na luta permanente de agricultor e criador, vieram no bojo da política, em 1934, horas e dias e meses de terror. A polícia do Estado não tivera a insolência de lhe fazer desfeita, afrontando-o. Faltava coragem. Em 1935, porém, sobrou covardia para fuzilá-lo no chão sagrado da sua casa, lá mesmo onde nasceu, indefeso, sem dó nem piedade, ao lado de um hábeas corpus, arma sem valia para lhe poupar da prisão de uma cova. Tinha de idade, 32 anos.

Depois, foi fincado no terreiro da casa do Ingá, um cruzeiro de granito - homenagem do povo acariense -, removido em 1985 para o Acari e chantado em praça pública, onde ficará pelos tempos vindouros.



● ● Rua Dr. José Augusto
● ●

❖❖ O Casario Urbano

Paulo HeiderForte Feijó

Acari é uma das poucas cidades do Rio Grande do Norte que mantém preservado seu casario urbano, com exemplares representativos dos vários períodos históricos pelos quais passou. Suas edificações antigas representam, através de seus ambientes, utensílios domésticos, materiais e técnicas construtivas, os modos de vida de gerações passadas.

Conferindo a condição de cidade que cuida de seu patrimônio histórico, constata-se que nenhuma das outras cidades do interior do Rio Grande do Norte, que tenha edificações tombadas pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, conta com mais de um exemplar tombado. Acari é a única a contar com dois monumentos - a Igreja do Rosário e a Casa de Câmara e Cadeia.

Desde tempos remotos cada casa do núcleo mais antigo da cidade mantém uma identidade com uma determinada família local, tradicional, que, como era de costume, morava na casa-grande da fazenda, onde desempenhava suas atividades. Contudo, mantinha essa casa na cidade, para onde se mudava principalmente na época da festa da padroeira e nos feriados.

Muito impressiona ao visitante o cuidado dispensado à limpeza da cidade, destacando e valorizando seu harmonioso conjunto arquitetônico, constituído pelo casario mais antigo, remanescente da época em que a pecuária e o cultivo do algodão eram as atividades econômicas que predominavam na região.

Ao se vislumbrar seu núcleo urbano, tem-se, de imediato, uma forte sensação de se estar diante de uma arquitetura vernácula - própria daquele povo e daquele lugar. E mais, observando-se com maior acuidade, percebe-se que se trata de uma arquitetura que parece "brotar da terra", transmitindo uma intensa identidade com o meio onde está implantada, mesmo porque foi construída com materiais obtidos em seus arredores, utilizando-se mão de obra local. Constata-se, ainda, que as características arquitetônicas predominantes nas edificações, como telhados elevados e paredes externas espessas, que amenizam a irradiação do calor para o interior da edificação, são excelentes soluções para as questões climáticas locais, que vêm sendo adotadas desde tempos imemoriais, a partir das instalações das primeiras casas-grande de fazenda na região.

É interessante observar uma característica bem recorrente no núcleo urbano mais antigo da Cidade. É a existência de becos ou ruas mais estreitas que acontecem por trás das casas. A esses becos, os quintais das casas se ligavam por largos e altos portões, por onde passavam as cargas conduzidas em lombos de animais, já que por ali eram realizadas as atividades de serviço, como o abastecimento de lenha para o fogão, água para o consumo da casa, transporte de mantimentos em geral, além de ração para animais que normalmente eram criados no quintal.

Essa característica urbanística era de fundamental importância para o funcionamento da residência, pois que, no período colonial e até mesmo depois, a ocupação do lote urbano se dá com as casas implantadas no alinhamento da rua e conjugadas umas às outras, não havendo recuos frontais ou laterais.

Com suas ruas, praças e largos sempre limpos e bem cuidados e com as fachadas das casas sempre com sua pintura renovada, Acari transmite ao visitante, além do aconchego, uma sensação de paz, sossego e tranquilidade. Parece ter acabado de ser preparada para recebê-lo. Ele. O visitante.



● ● Rua da Matriz, nº 87



● ● Rua Otávio Lamartine, nº 20





● ● Rua Tomaz de Araújo
● ●



- ● A Casa Sertaneja
- ● Localização: Fazenda Ingá

•• A Casa Sertaneja

Oswaldo Lamartine de Faria

Casas grandes de duas águas, erguidas mais para o meio da fazenda, não muito longe das cacimbas de beber, sempre atreadadas nos altos e viradas para o nascente na defesa de todos os dias contra a queimada e o cangaço. Pouco diferiam umas das outras. Alpendres, salas da frente, a dos homens e a das mulheres, corredor ladeado de quartos (o das moças sem janelas ou com elas gradeadas), sala de comer, passagem para a cozinha que se abria para um telheiro com forno, depósito de lenha e trempe para a feitura de queijo. E tanto a sala de refeições como a cozinha abriam portas para a área murada com muros coroados de cacos-de-vidro, de onde se chegava para o banheiro e a comua que tomou o lugar da secreta. Ali também costumava ter um pequeno quarto de depósito ou em mais espaçosa despensa, onde se costumava guardar mantimentos almocrevados de outras ribeiras. Muito poucas tinham cubico - aquele quarto secreto de esconder gente, armas e valores.

Paredes chumbadas com armadores que rangiam no pra-cá e pra-lá dos balanços das redes. A mobília era pouca e grosseira. Dois bancos no alpendre e mais dois ladeando a mesa-grande de tábua corrida e gavetas onde se comia.

Uma dúzia de tamboretos espalhados pela casa, um guarda-louça com fiteiro, oratório, uma cama lastro-de-couro no quarto do casal, caritós nos cantos das paredes e umas duas cadeiras preguiçosas.

Nos quartos, baús de pregaria onde se guardava a roupa branca. Na passagem da sala-de-comer para a cozinha, cantareiras de madeira sustendo jarras d'água tampadas e encimadas pelo cabide de copos e canecas boca-de-piranha de servir água.

Alpendres espaçosos, acolhedores, onde se desenfadava das canseiras do dia. Copiaries das conversas sertanejas até a chegada do sono. Vencidos os batentes da frente se chegava ao alpendre. Ali, nas horas de lazer, eram armadas redes. Sua mobília quase sempre se resumia num banco. E, quando povoado, se acrescia de espreguiçadeira e alguns tamboretos para o prostrar e descanso das trabalhadoras do dia. E sonhava sonhos e se ouvia a crônica dos acontecidos. Auditório da vida sertaneja.





- ● Andorinhões
- ● Localização: Serra do Bica da Arara

∴ Andorinhões do Bico da Arara

Inalda de Araújo Bezerra Marinho

O vôo é nervoso e fugidio. A rápida aproximação à estreita fenda, quase vertical, no imponente paredão rochoso de mais de 100 metros, parece, ao observador inexperiente, uma decisão suicida. O choque é iminente. Mas, em gracioso volteio de asas, desaparece incólume nas entranhas do rochedo.

Diariamente, ao crepúsculo, no período de março a setembro de cada ano, dezenas, centenas, milhares de aves executam idêntica coreografia. Por volta das quatro e meia da tarde, inicialmente à grande altura, surgem os primeiros pássaros, voando em caprichosas formações circulares, em um desenho próprio que se renova e cresce a todo instante, tão logo outras aves vão chegando. O bando voa cada vez mais baixo e mais próximo à serra. De repente uma ave ou um grupo se destaca e mergulha vertiginosamente em direção à entrada da gruta, de apenas 60 centímetros de largura. Essa estranha coreografia acontece desde tempos imemoriais, na Serra do Bico da Arara, na Fazenda Ingá, município de Acari, em pleno Seridó potiguar.

Narrativas sobre imenso bando de estranhas “andorinhas”, que dormiam naquela gruta apenas em certas épocas do ano, são contadas pelos mais velhos há pelo menos 150 anos, passadas de geração em geração. Diziam que vinham de Dakar, na África. Delas utilizavam o esterco, ainda hoje reconhecido como excelente adubo, cuja produção anual chega a 30 toneladas. Preta, apenas com meia gola branca no pescoço, tem corpo pequeno, pernas curtas e fracas. O peso é de 90 a 100 gramas, em média. As asas, fortes e flexíveis, alcançam 47 centímetros de ponta a ponta e superam em dobro o tamanho do corpo, de apenas 20 centímetros. A habilidade para o vôo é excepcional. Com essa anatomia, pousar no chão equivale a uma sentença de morte. Insegura sobre as frágeis pernas não conseguiria estender e bater suas longas asas para alçar vôo. Para dormir, fixa-se ao rochedo com minúsculas e afiadas unhas, de cabeça para cima, usando a cauda pontiaguda para obter o indispensável equilíbrio. Ao primeiro clarão da aurora desprende-se da rocha e deixa-se cair no vazio, para logo abrir as asas e planar suavemente. Parte então para áreas ainda não identificadas, alimentando-se de insetos e bebendo em açudes e aguadas, sempre voando, pois a natureza a modelou para os ares. A velocidade de vôo é de 105 km/h, com picos de 200 km, o que lhe permite percorrer 2 mil km em um único dia.

O fenômeno das aves migratórias começou a ser cientificamente estudado por Luiz G. M. Bezerra, tio do atual proprietário da Fazenda Ingá, Maurício Galvão Meira e Sá. Com amigos, como ele estudiosos da ornitologia, procurou desvendar o mistério daqueles pássaros que, regularmente, desapareciam no período de outubro a fevereiro. Organizou uma subida à gruta, quando, além da observação do comportamento das aves, foram capturados seis exemplares, com enorme

dificuldade. Dois deles foram enviados ao eminente ornitólogo Prof. Helmut Sick (já falecido), que os identificou, em 1973, época em que era chefe da Sessão de Aves do Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Na verdade não são andorinhas, como acreditavam os moradores, mas andorinhões ou taperussu, conhecidos entre os naturalistas como “andorinhões de coleira falha”. Têm o nome científico de *Streptoprocne biscutata*, pertencente à família das Apodidae, ordem Apodiformes, na qual são colocados os beija-flores, únicas aves aparentadas às Apodidae.

O Prof. Sick visitou a gruta em 1986. Seu interesse era tal que, mesmo em precárias condições de saúde, subiu à gruta, com uma equipe de pesquisadores, constatando que o bando devia contar com mais de 100 mil aves, podendo chegar a 150 mil, a maior concentração de uma só espécie já encontrada no Brasil. Espécimes foram capturados e anilhados para posterior identificação. Assim fora feito, no final de 1985, em Ibitipoca, Minas Gerais, quando a equipe do Prof. Sick observara aves semelhantes aos andorinhões, àquela época em período de reprodução, com filhotes, ninhos e ovos, fato jamais observado no Bico da Arara. Seriam as mesmas aves? Ao todo foram identificados e marcados 175 espécimes, nas duas localidades, mas nenhum deles foi recapturado posteriormente. Acredita-se que os andorinhões do Bico da Arara podem constituir uma sub-espécie, ainda não identificada pela ciência. Muitas outras pesquisas foram feitas. O Clube de observadores de Aves - COA Nacional chegou a enviar ornitólogos para aprofundar as pesquisas, sempre sem resultados conclusivos. Em 1987 foi criado o núcleo potiguar do COA, (hoje presidido pelo Prof. David Maurice Hassett), tendo como símbolo o andorinhão.

Mas o mistério persiste. A cerca de 8 km de Acari, seguindo-se pela rodovia que dá acesso a Jardim do Seridó, a BR-427, logo após a ponte sobre o Rio Ingá, dobra-se à esquerda, em uma estrada carroçável. Após 3 km, aproximadamente, avista-se o Bico da Arara, cujo nome vem de uma formação rochosa que lembra o formato do bico dessa ave, ponto culminante de Acari, com 654 m de altitude. Aí dormem os andorinhões, de março a setembro de cada ano. Altaneiras, continuam a desafiar curiosos e pesquisadores, através da seguinte questão: *de onde vêm e para onde vão os andorinhões da Serra do Bico da Arara?*





● ● Serra do Bico da Arara
● ● Pôr-do-sol



- Alto da Serra de Lagoa Seca
- Localização: Sítio Saco do Juazeiro

☼ Serra de Lagoa Seca

Sérgio Enilton da Silva

Uma cadeia de serras circunda o município, dando à cidade o título de “Terra das Cordilheiras”, pelas suas riquezas específicas. A Serra de Lagoa Seca, popularmente conhecida por Serra da TELERN, é um dos atrativos que compõe o patrimônio natural de Acari. Localiza-se na área rural, sentido norte, com 600 metros de altitude, distante 9 km do centro da cidade, tendo como via de acesso a BR-427, em direção ao município de Currais Novos. Exibe as torres de telefonia celular e torres de captação de sinais de televisão.

Encontra-se na depressão sertaneja, caracterizando-se pelo prolongamento das partes altas do Planalto da Borborema e Chapada do Apodi. Apresenta terrenos baixos e uma superfície montanhosa e ondulada de embasamento cristalino, com abrangência de rochas pré-cambrianas, sendo de maior evidência os granitos e os gnaisses, além dos quartzitos cortados por veios de quartzo e pegmatitos mineralizados, segundo caracterização feita pelo IDEC.

Essa serra abriga um rico ecossistema, bastante diversificado, cuja biodiversidade envolve inúmeras espécies da fauna terrestre, fruteiras, ervas medicinais e uma vegetação de caatinga. Possui uma beleza paisagística expressiva e uma riqueza mineral a ser pesquisada e corretamente aproveitada. Sua relevância histórica está ligada ao processo de crescimento econômico, uma vez que, em épocas anteriores, o algodão ocupava quase que totalmente sua área em virtude do cultivo da variedade mocó ou seridó.

Várias atividades esportivas podem ali ser desenvolvidas e exploradas, desde pequenas caminhadas com fins científicos ou de lazer, como: trilhas, que devem ser planejadas de acordo com os objetivos dos visitantes e, principalmente, obedecendo à capacidade de carga ou suporte do meio. Outras práticas esportivas, como corridas de aventura, rapel, montanhismo tornam-se atrações variadas de lazer e diversão. Nas proximidades das torres, um imenso afloramento rochoso desponta na superfície, formando um belíssimo local



propício à prática de acampamento, de onde se pode observar o leito do rio Acauã e, ao redor, as inúmeras elevações rochosas, como: Serra da Acauã, Serra da Timbaúba ou Puridade, o paredão rochoso da Serra do Pai Pedro, Serra do Minador e o Pico Gargalheiras.

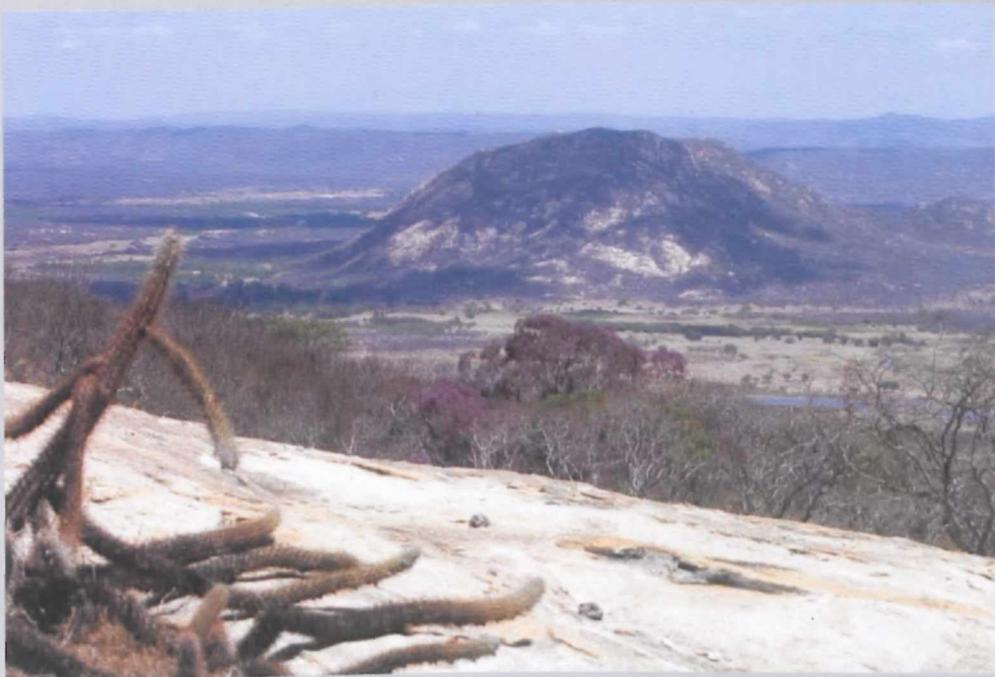
No topo da Serra de Lagoa Seca uma visão panorâmica desponta no infinito. Pode-se apreciar o espelho d'água da bacia do Gargalheiras, os contornos das ilhotas, as luzes de cidades circunvizinhas como Currais Novos e Cruzeta e as Serras da Rajada, Picos de Cima, entre outras paisagens. Basta o olhar singular refletir ao longe e dá formas e significados ao cenário sertanejo.

Esse atrativo era considerado a serra predileta dos caçadores, amantes da noite-de-lua, aventureiros da escuridão. Segundo a lenda, os caçadores carregam consigo um pedaço de fumo, cachaça ou dente de alho em oferecimento à “caipora”. Esta, em noites de caçada, protege o caçador dos perigos e favorece a facilidade da caça aos cachorros ferozes. Imaginações e conversas de caçadores, fruto do folclore brasileiro, estórias de trancoso, inspiram artistas e imortalizam-se em versos de Oswaldo Lamartine: *“Tem noite que a caipora quer ir brincar influída, corre adiante dos cachorros, onde quer, fica escondida; os cães pegam a uivar a caçada está perdida.”*

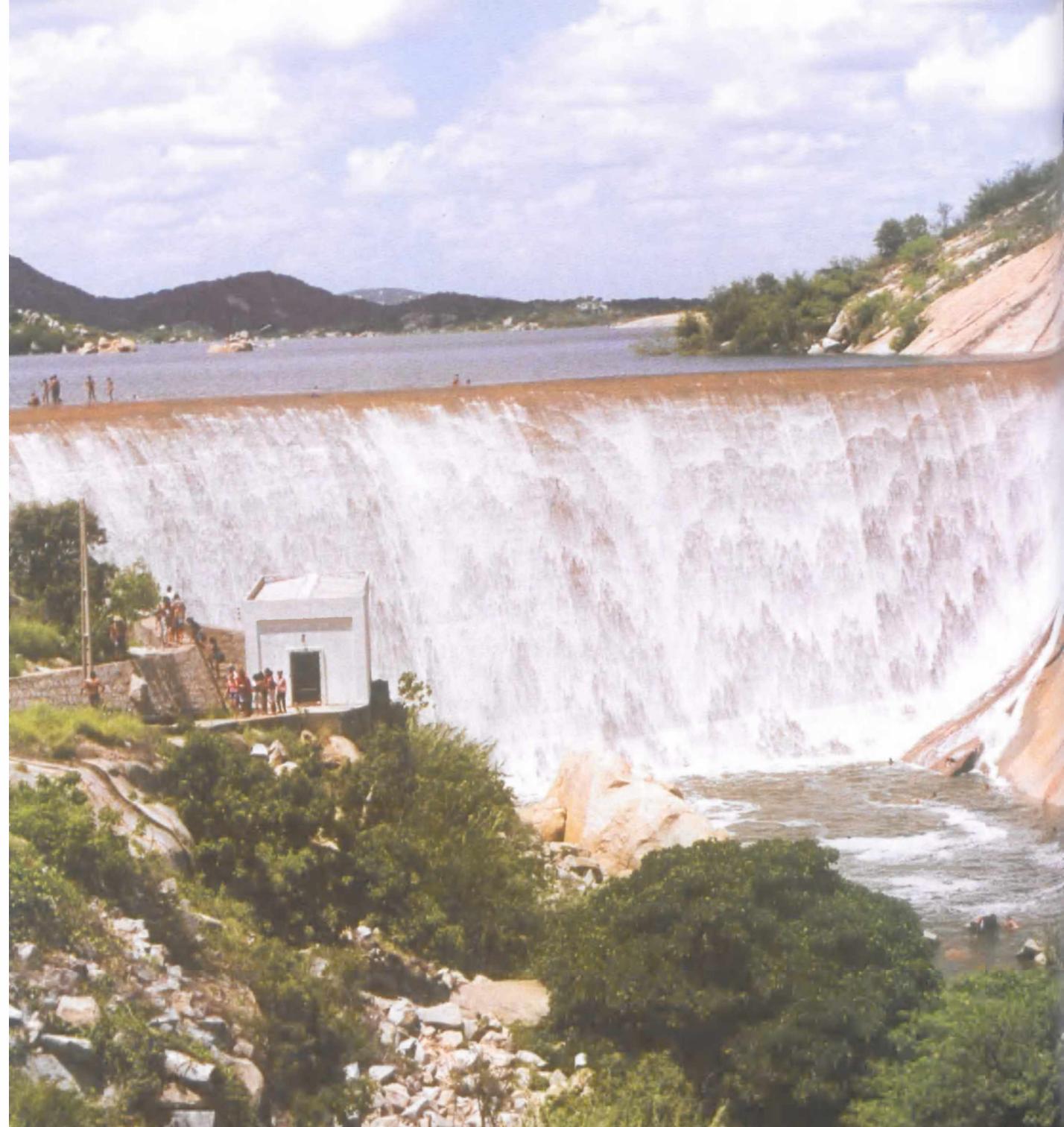


● ● Açude Gargalheiras, visto do alto da Serra de Lagoa Seca





● ● Serra do Acauá, vista do alto da Serra de Lagoa Seca
● ●



Alaní Oliveira Vital

O Povoado Gargalheiras, distante 4 km do centro de Acari, localiza-se às margens do rio Acauã. Essa fonte de água proporcionava abrigo e alimentação para homens, gados e montarias que, no início do povoamento da região, faziam do logradouro uma pousada antes de seguirem o caminho.

O itinerário do rio Acauã dá-se entre serras, especialmente na sua passagem por Acari, daí o nome do lugar, gargalheira, derivada de gargalo ou garganta, significando uma abertura estreita entre montanhas. Havendo no lugar muitas “gargantas”, a população passou a usar o nome no plural, quando foi fechado o boqueirão para acumulação da água.

Devido às particularidades geográficas do local pensou-se muito cedo em uma maneira de armazenar a água que corria ligeira e encachoeirada sobre o leito pedregoso do rio. Pensando em dias melhores, surgiu a proposta de inúmeros acarienses para construção de um açude, cuja primeira planta foi elaborada em 1909, ano em que foi consignada no orçamento da União a verba de 900 contos de réis para aquela obra.

No entanto, o caminho percorrido foi muito longo. Em 1913 foi construída uma pequena barragem, posteriormente demolida para o início da construção definitiva. Em 1922, a firma inglesa Wangler Walker foi contratada pelo governo federal. Essa empresa realizou algumas obras, construindo instalações de suporte para acomodar os operários e a administração do serviço. Em 1926 os ingleses já haviam se retirado, deixando apenas os vestígios de sua presença (essa condição foi verificada pessoalmente pelo então Presidente da República Washington Luiz, em visita realizada no dia 08 de agosto de 1926).

Os acarienses, porém, não perdiam a esperança. Em 1950, durante o governo Eurico Gaspar Dutra, a Assembléia Legislativa aprovou a sugestão que instituía a denominação “Açude Marechal Dutra” (ainda mantida), procurando sensibilizar o Presidente da República. Mas, apenas quando essa função foi ocupada por um potiguar - José Fernandes Campos Café Filho - o sonho do Gargalheiras começou a se concretizar. A criação dos Grupamentos de Engenharia pelo então Presidente, e do 1º Batalhão de Engenharia e Construção, que firmou convênio com o DNOCS, garantiu a retomada da obra que fora iniciada há tantos anos.

Em agosto de 1955, com a chegada do Major Ary de Pinho, os trabalhos ganharam impulso definitivo, principalmente com a estruturação da vila operária com todos os requisitos necessários à acomodação do pessoal empregado na obra: habitação, assistência médica, capela e instalações de lazer e recreação.

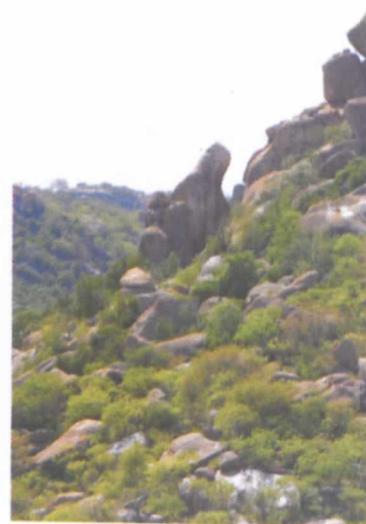
A concretagem da parede teve início em 29 de outubro de 1956 e foi concluída em exatos dois anos. Como era prática das políticas públicas da época, na seca de 1958 foram contratadas cerca de quatro mil pessoas que sofriam com os efeitos da estiagem, esforço significativo que possibilitou a conclusão do açude. A inauguração aconteceu no dia 27 de abril de 1959, sendo realizada uma grande festa com a presença de diversas autoridades, dos operários que trabalharam na construção e da comunidade. A programação foi a seguinte: 8h - Missa em ação de graças; 9h - cerimônia de inauguração; 12h30 - almoço de confraternização. O cardápio do almoço constou de salada imperial, farofa e macarronada italiana; na sobremesa foi servida a torta Marechal Dutra. Em 20 de março de 1960 o reservatório foi inaugurado pela natureza com a primeira sangria.

Alguns dados técnicos acerca do açude caracterizam a sua grandiosidade: altura máxima das fundações: 32,5 m; profundidade máxima: 26,5 m; extensão do vertedouro: 130 m; área inundada: 1.200 ha; acumulação de água na cota 130,0: 57.500.000 m³.

O espetáculo da sangria ainda hoje é ansiosamente esperado por acarienses, seridoenses e visitantes, que acompanham, a cada ano, notícias sobre o aumento do nível das águas, tão logo começam as chuvas. Cenário privilegiado, o açude compõe com as serras uma paisagem que exprime a exuberância da topografia rochosa contrastando com o milagre fértil das águas. Tais elementos fazem do lugar um atrativo turístico exemplar e de experiências comunitárias baseadas no desenvolvimento sustentável.

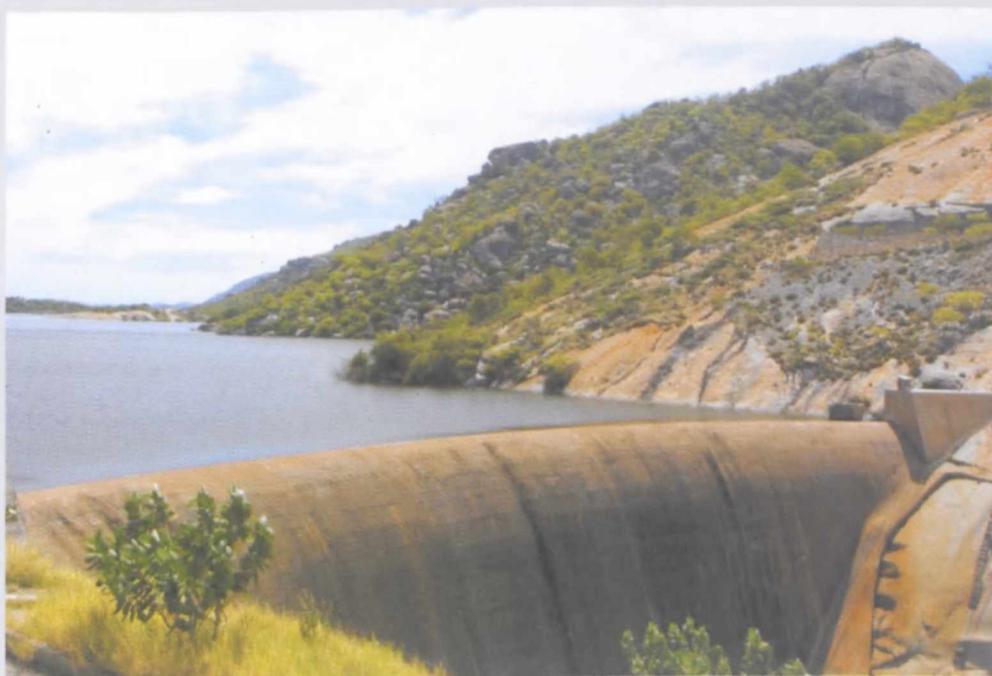
As redes e acessórios de pesca são produzidos artesanalmente pela comunidade do Povoado de Gargalheiras, ao passo que a gastronomia tem como componente principal o peixe, do qual são preparados ensopados, cozidos, almôndegas, frituras etc. Favorece igualmente a criação de novos e inéditos pratos, como a lingüiça de peixe e camarão, especificidade da culinária local. O Festival do Pescado, que geralmente ocorre nos últimos dias de abril e início de maio, divulga novas técnicas da piscicultura, realiza concursos e promove exposições artísticas, valorizando a cultura. No segundo semestre do ano acontece o Torneio Leiteiro, aproveitando a atividade econômica regional da pecuária para estimular mecanismos de envolvimento entre a população.

A valorização do uso coletivo do espaço do Açude Gargalheiras para fins de produção, lazer ou prática de esportes justifica o olhar apaixonado dos moradores locais àquele magnífico espelho d'água, circundado pela caprichosa moldura das serras.

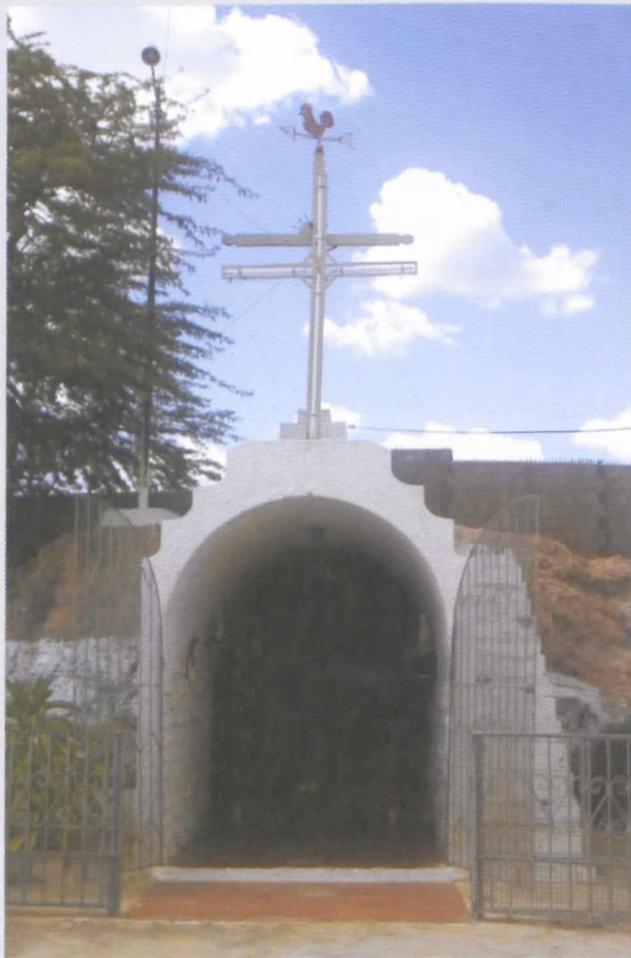


● ● Vista da Pedra da Santa





● ● O Açude Gargalheiras
● ●



● ● O Cruzeiro do Galo
● ● Localização: Rua Profª Porfíria Pires / Próximo à Prefeitura Municipal

∴ O Cruzeiro do Galo

José Celestino Galvão

O chamado Cruzeiro do Galo de Acari foi uma iniciativa dos Padres Redentoristas, que aqui celebraram as Santas Missões, na década de 40, ao tempo do primeiro paróquio do Pe. Ambrósio Silva (23/08/1936 a 07/03/1946) que lhes ofereceu total apoio.

A construção desse símbolo da fé católica, constando de uma cruz de madeira com um galo encimando uma haste giratória em forma de seta, foi localizada em frente ao Cemitério Público. Sua instalação aconteceu no final de uma grande procissão, que percorreu as principais ruas da cidade, encerrando-se com a benção da mesma.

A pintura do galo contou com a arte e a religiosidade da professora, catequista e organista Amália Rodrigues de Carvalho, exemplo vivo e atuante de fé cristã.

O Cruzeiro do Galo, levantado em frente ao cemitério, representava o sinal da redenção para as famílias que levavam seus mortos à sepultura.

A 12 de maio de 1957, um fato abalou a cidade e provocou a destruição do Cruzeiro. Nessa data ocorreu uma forte explosão de dinamite, próxima ao Mercado Público, seguida de enorme abalo. Ao mesmo tempo, verificou-se uma grande ventania, provocada por uma chuva inesperada. O lamentável é que naquela tarde o Cruzeiro do Galo desmoronou, transformando-se em pedaços.

Por iniciativa da Prefeitura Municipal durante a Administração do Sr. Geraldo Magela Celestino Galvão (1963-1968) o Cruzeiro foi restaurado e transferido para uma elevação rochosa à rua Professora Porfíria Pires, próximo à atual Prefeitura, onde foi construída uma capelinha. A construção tinha sido uma antiga promessa de Pedro Henrique, que já adquirira, em Caruaru-PE, uma imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro para entronizá-la naquela capelinha.

Mediante campanha realizada pela então primeira dama Terezinha Pereira Galvão, também devota de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a promessa foi paga com a construção da capela ao lado do Cruzeiro do Galo. Sua inauguração foi precedida de uma grande procissão e concluída com missa festiva e benção da imagem.

Ainda hoje o acariense, morador ou visitante encontram ali um local privilegiado, cuja atmosfera tranqüila e acolhedora induz à serenidade e à religiosidade.



● ● Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas



❖❖ Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas

Maria José Mamede Galvão

A história da música do Seridó registra a existência de inúmeras bandas de música. Acari incluiu-se sempre nessa relevância e tem uma história bonita a contar, desde o início do Século XX. O primeiro regente de banda de música do Município foi Manuel Bezerra de Araújo Galvão, segundo o historiador acariense, Manuel Bezerra Neto. Tocava violino no coro da Matriz de Nossa Senhora da Guia e saxofone alto na banda por ele criada.

Em seis de agosto de 1927 era fundada em Acari uma outra banda de música, pelo maestro e compositor Felinto Lúcio Dantas, composta por 25 músicos. Os anos se sucederam. Muitos entraves provocaram mudanças. Porém, uma banda de música é sempre uma presença marcante em todas as festividades e honrarias ocorridas numa cidade. Em Acari, sempre foi a grande atração durante a Festa de Nossa Senhora da Guia, padroeira do município: alvoradas, salvas ao meio dia, missas, novenas, procissões, leilões, retretas em casas de família.

Sob a iniciativa do Maestro Francisco das Chagas (Pinta), foi criada a Associação Cultural Maestro Felinto Lúcio Dantas, a 05 de dezembro de 1987. A sede da Associação, inicialmente, foi em sua própria residência, gerando uma escola de música, cujo objetivo maior era formar uma nova banda de música em Acari. Desse modo, surgiu, na mesma data, a Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas.

Criada a Associação e a Filarmônica, foram adquiridos 23 instrumentos musicais, provando que não existem dificuldades quando se tem um objetivo e se trabalha, coletivamente, para alcançá-lo. Sua finalidade principal é despertar nos jovens e adultos o interesse e o amor pela música, incentivando a criação de uma escola, banda e tudo o que se relaciona com a cultura musical da região.

A Filarmônica foi regida durante 15 anos por Francisco das Chagas Silva, o famoso “Mestre Pinta”. Após seu falecimento, em 1995, foi substituído por seu filho José Francisco da Silva Neto, que exerce a regência da banda até os dias atuais. Seu quadro funcional conta com 35 músicos, entre 14 e 63 anos.

Acari foi reduto de grandes músicos, sendo a maior contribuição vinda de Carnaúba dos Dantas. Dentre os mais autênticos está Felinto Lúcio Dantas, nascido a 23 de março de 1898, no Sítio Carnaúba de Baixo. Considerava-se filho de Acari, porque no seu dizer “Carnaúba pertencia a Acari”. Integrou-se a esta terra durante 88 anos... Era um seridoense autêntico.

Felinto aprendeu a ler aos treze anos de idade. Seu primeiro professor, a única pessoa alfabetizada, que ocasionalmente conheceu, era um camponês, Manuel Guimarães Dantas, seu

companheiro nas lides da terra. Com este “ficou desarnado”, aprendeu a ler e o mundo transformou-se para ele, abrindo-lhe as janelas da alma e da mente. Tornou-se autodidata. Sua rara inteligência propiciava-lhe a gravação dos conteúdos da vida, frutos de vastas leituras.

Em Acari, com apenas 17 anos, apaixonou-se pela música ao escutar a valsa Royai Cinema, composição de seu primo Tonheca Dantas, ao som do clarinete de Pedro Arboés Dantas. Decidiu, então, ser músico. Em 1917 escreveu sua primeira música, o dobrado que recebeu o sugestivo título de Estréia, como que a anunciar a fértil obra que ali começava. Dois anos depois, compõe a valsa Culpa e Perdão. Aprofundou-se em teoria musical e suas composições passaram a fazer parte do repertório de inúmeras bandas de música do interior nordestino.

Compôs centenas de músicas - dobrados, marchas, valsas e músicas sacras. Foi regente de vários corais religiosos e bandas de música, sendo disciplinado e exigente nesse ofício. As músicas sacras eram interpretadas nas igrejas, até mesmo no Vaticano, como a Missa de Santa Cecília e a Ladainha de Nossa Senhora, além de outras igualmente belas, atestando sua genialidade. Sua música singular e visceralmente brasileira, ressoará nas ruas, nas igrejas, nos campos, evoluindo-se para além do Bico da Arara e do Monte do Galo, para além do Rio Grande do Norte e do Brasil.

Foi o compositor da melodia do Hino a Nossa Senhora da Guia, Padroeira do Acari.

Segundo Danilo Guanais, “A comitiva do Mobral chegou a Carnaúba dos Dantas em 1975, com a missão de localizar e contactar com o músico, conhecido na região, mas desconhecido do resto do Brasil, Felinto Lúcio Dantas (...) fecundo compositor, perdido na imensidão do Seridó potiguar. Esse foi o primeiro passo no sentido do florescimento da obra do nosso grande compositor”.

A edição, registro e gravação de muitas de suas obras foram possíveis por meio de um contrato firmado entre o compositor e o MOBREAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização, em 1976. A riqueza e diversidade da obra do compositor ficam evidenciadas quando se observa que ali há valsas, hinos, mazurcas, missas e novenas, justificando a criação de um dos grandes mitos da cultura sertaneja.

Seu falecimento ocorreu a 12 de setembro de 1986. Carnaúba dos Dantas e o Rio Grande do Norte tornaram-se pequenos ao enterrar seu filho mais querido. Isto aconteceu ao som de bandas executando suas obras.

O centenário de seu nascimento foi comemorado com grande e expressiva festa, na Matriz de Nossa Senhora da Guia, a 15 de agosto de 1998, pelo povo de Acari, do Seridó e do Rio Grande do Norte.



● ● Sede da Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas
● ● Endereço: Rua Cipriano Pereira, nº 02



•• Festas Juninas

Francinete F. de Azevedo Souza

Os festejos juninos se configuram como uma das principais manifestações culturais do Município de Acari, tendo recebido grande influência do ambiente rural e urbano de épocas passadas. O meio rural proporcionava alegria e animação àqueles que freqüentavam as fazendas, local em que eram recebidos com grande hospitalidade, não faltando fogueiras, comidas típicas, fogos, forrós e muita quadrilha. As comunidades rurais continuam comemorando os festejos, organizando suas festas principalmente às vésperas dos dias dos santos: São João e São Pedro. Hoje, porém, acontecem com menor intensidade.

No ambiente urbano, as comemorações juninas eram realizadas com grande entusiasmo no Grupo Escolar Tomaz de Araújo, na Intendência Municipal (hoje Museu Histórico de Acari), no Hotel de Tetê e no Salão de Festas de Cipriano Pereira, fazendo parte dessas festas os forrós, as quadrilhas e os casamentos matutos, todos contando com a participação das famílias acarienses.

A modernidade trouxe consigo as transformações das festas juninas, revitalizando essa manifestação cultural, apresentando-a com nova roupagem e em novas articulações, fazendo das quadrilhas o principal pilar, possibilitando o surgimento da categoria estilizada, visando acompanhar o contexto da atualidade em figurino, dança, coreografia e música.

Sentindo a importância das festas juninas que estavam se expandindo, a comunidade demonstrava prazer em participar. Em 1993 foi criado o I Festival de Quadrilhas Juninas de Acari, quando a população passou a se envolver nas quadrilhas, assumindo papéis como organizador, dançarino, coordenador ou torcedor, gente que ia à praça manifestar sua emoção. Chamada a participar através das organizações de ruas, bairros e escolas, criaram quadrilhas estilizadas, promovendo grandiosos espetáculos.



Não esquecendo suas raízes camponesas, revitalizaram as quadrilhas matutas, apresentadas com visão do presente, sem, no entanto, perder as características rurais.

Os arraiás, inspirados nas danças palacianas francesas, transportadas para o Brasil pelos portugueses, foram assimilando novas figuras e comandos, constituindo-se em verdadeiros bailes de salão, até chegarem às ruas, nos Festivais de Quadrilhas Estilizadas. Nesse contexto foi fundado o Arraial do Arizão, no ano de 1995, quando os moradores do bairro Major Ari de Pinho, interessados

em levar uma representação para participar das festividades juninas, locais e regionais, formaram uma comissão para organização da quadrilha. Escolheram o nome Arraial do Arizão em homenagem ao patrono do Bairro.

Composta por um grupo de jovens que elevam o nome da cultura acariense à frente dos festivais de quadrilhas juninas, o Arraial do Arizão destacou-se no festival local (1996 a 2003), galgando a primeira colocação em todos os concursos juninos. Transpôs esse limite para atingir o título de melhor quadrilha do Estado (1998, 2003 e 2004) e segunda do Nordeste (2003), na categoria estilizada.

A cultura junina já é uma marca em Acari. Pautada na tradição e nos costumes dos acarienses em festejarem o ciclo junino, cristaliza-se como um importante evento da cultura popular, tendo como ícone o Arraial do Arizão, que identifica a cidade pelos arraiás juninos onde se apresenta.





● ● Grupo Cultural Arraial do Arizão
● ●



● ● Fazenda Trincheiras
● ●

Maria do Socorro Galvão Costa

Belíssimas serras emolduram todo o município de Acari. Daí, ser comum a existência de serrotes a céu aberto, por toda a zona rural. A Fazenda Trincheiras não foge à regra: localizada a 8 km da sede do município, tem seu nome ligado a uma variedade de serrotes.

Seu solo é irregular, na maioria formado por terrenos elevados, tendo apenas uma pequena área plana às margens do rio Acauã. A vegetação predominante é a caatinga: xique-xique, cardeiro, pereiro, jurema, catingueira, marmeleiro, mufumbo, pau d'arco, craibeira, perfazem a sua paisagem. A preservação de toda essa flora propicia a criação espontânea de mocós que, livres dos predadores, aí encontram um habitat natural para o seu desenvolvimento. Como o clima da região é semi-árido, no período chuvoso, atinge em média 500 mm ao ano.

Na década de 50 do século passado a agricultura era mais desenvolvida, pela produção, em grande escala, do algodão mocó, constituindo-se em um produto de exportação para o sul e sudeste do país e até para o exterior. Em pequena escala, cultivava-se produtos de subsistência como: o arroz, a batata doce, o feijão, o milho e vários tipos de fruteiras, como a mangueira, a bananeira, o coqueiro, a pinheira, o cajueiro, dentre outras. Com os freqüentes períodos de estiagem, essa agricultura foi praticamente extinta, cedendo lugar à pecuária, que se constitui atualmente a principal fonte de economia. Criam-se bovinos, muares, ovinos e aves. Dada a existência de um pequeno açude, também se criam peixes, sendo a pesca utilizada para o consumo.

O que torna singular a Fazenda Trincheiras, pertencente à família dos Madalenas há mais de cinquenta anos, é o trabalho artístico de uma de suas proprietárias Marilene Meira Silva. Acalentando um sonho de criança, de transformar os serrotes em animais e tipos humanos, ela conseguiu povoar o pátio de sua casa com mais de sessenta peças, dentre animais diversos, como pavão, jacaré, sapo, cachorro, ema, peixe, galinha, burro, vaca e até dinossauros. Há, também, bruxas e outras representações de personagens da literatura infantil que convivem com imagens sacras e folclóricas.

O formato natural dos serrotes dá margem para a criatividade da artista, estimulando sua imaginação e fazendo-a ver em determinadas formas a base para o corpo do animal ou personagem a ser modelado. Cimento, ferro, arame, areia, cano, bola de gude, tinta e pincel dão a arte final.

É uma verdadeira atração turística essa fazenda! Atualmente, recebe a visita de estudantes da região e de outros grupos que, acompanhados por um guia turístico local, têm acesso às mais diversas informações. Uma casa sertaneja, de frente para o açude, constitui-se em um lugar aprazível para o lazer durante um final de semana.

● ●
● ● Ambrósio Silva Córdula



● ●
● ● Dimauri Lima de Souza



● ● Manoel Jerônimo Filho
● ●



● ● Dimas Ferreira
● ●

❖ Inventores de Imagens e de Brinquedos

Humberto Hermenegildo de Araújo

Quatro meninos, em épocas diferentes, brincaram pelas ruas antigas do Seridó que se chama Acari: na claridade do dia, nas águas correntes do rio Acauã, no sereno da noite, quando imagens centenárias povoavam a imaginação dos meninos que, por sorte, percorriam a cidade em desabaladas carreiras. Aqueles capitães, motoristas de caminhão, circenses, cangaceiros, vaqueiros, políticos, coronéis, construtores de açudes, valentes jogadores de “barra-bandeira”... conhecedores de todos os becos (de Beiê), baixas (da fogosa), altos (do açude), meninos que se abismavam com a imensidão das grandes pedras (o Bico da Arara...).

Quatro meninos, ainda que de diferentes gerações. Três desses meninos brincaram, percorrendo as longas estradas das ruas da cidade, com os carros feitos pelo mais velho de todos: Manoel Jerônimo Filho, o inventor de brinquedos de madeira (diversos tipos de carro, mobiliário de casas de bonecas, roda gigante...). E lá se ia, possante, o caminhão puxado por um cordão que, deslizando nos dedos do menino, fazia as mais perfeitas curvas, “cortava” os menos hábeis e demonstrava evoluções incríveis graças às molas amaciadas pelo mestre carpinteiro que veio do sítio para fazer arte na rua. Todos os meninos de Acari ganharam, um dia, como presente de Natal, um caminhão feito por Manoel Jerônimo.

Quatro meninos, de modo diferente, aperfeiçoam a vida no sertão através da fantasia. Dois desses meninos descobriram, através das profissões nas quais se iniciaram, que as suas mãos calejadas carregavam a leveza do mundo. Um deles é Dimauri Lima de Souza (“Dimauri Sucart”), inventor de peças em ferro soldado, confeccionadas a partir de sucata metálica. Dimauri, o auxiliar de mecânico que, lavando uma peça da engrenagem de um motor, descobriu nela a aparência de um corpo. O outro é Dimas Ferreira o cortador de pedras que vislumbrou, na aridez do entorno do Gargalheiras, as imagens talhadas no granito.

Quatro meninos, em variada forma, ainda brincam no sertão do Acari. Um desses meninos tem por material a imburana (*Bursera leptophleos*), pequena árvore da caatinga que se transforma em arte sacra - pelas mãos de Ambrósio Silva Córdula ressurgem, em procissão, os veneráveis vultos perpetuados pela tradição popular que, neste núcleo seridoense, gira em torno do culto a Nossa Senhora da Guia.

“Desde o serrote florido/Até o rio corrente”, como reza o hino cantado em todo o mês de agosto na cidade, os quatro meninos referendados aqui se anunciam para o mundo, levando o sonho da transformação: sucata, pedra, madeira e lata não são resto, dureza, sequidão e lixo - são arte e luxo.

•• Referências

BEZERRA, Luiz G. M. **Os andorinhões da serra do Bico da Arara**: histórico das pesquisas. Natal: [s.n.], 1988. Mimeografado.

BEZERRA, Paulo. Da linguagem dos sinos. **Acari em revista**, Natal, ano IV, n. 4, p. 6, ago. 1999.

CASCUDO, L. da C. **Notícias sobre dez municípios potiguares**. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 1998.

DANTAS, J. de A. Indícios de uma civilização antiqüíssima. **A União**, João Pessoa, 1994. (ed. fac-similar de manuscrito existente no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, escrito entre 1924 e 1929).

DNOCS. **Açude Marechal Dutra**. Acari: [19--].

ESCOLA Estadual Tomaz de Araújo. **Acari em Revista**, Natal, n. 1, ago. 1996.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Sertões do Seridó**. Brasília: Senado Federal, 1980.

FEIJÓ, Paulo Heider Forte. **Arquitetura tradicional de Acari no Séc. XIX**: estudo comparativo entre a casa-grande de fazenda e a casa urbana. 2002. 208 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

FERNANDES, José Pires. **Açude Gargalheiras**. Acari: [19--].

FILARMÔNICA Maestro Felinto Lúcio Dantas. 2003. Folder.

GALVÃO, Maria José Mamede. **Homenagem ao gênio/músico do sertão Felinto Lúcio Dantas**. Acari. 1998. Discurso.

GUANAIS, Danilo. **O plantador de sonhos**: vida e obra de Felinto Lúcio Dantas. Natal: Fundação José Augusto, 2001.

LIMA, Nestor. **Municípios do Rio Grande do Norte**: Acari, Angicos e Apodi. Revista do IHGRN, Natal, v. 25-26, 1929.

MACEDO, H. A. M. de. **Vivências índias, mundos mestiços**: relações interétnicas na Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó entre o final do século XVIII e início do século XIX. 2002. 169 f. Monografia (Graduação em História Bacharelado e Licenciatura) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2002.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 3. ed. Recife: UFPE, 1999.

MEDEIROS, Bianor. **Paróquia de Acari** - 150 anos. Natal: Fundação José Augusto, 1985.

MEDEIROS, Maria da Guia de. **A praxis pedagógica no museu comunitário: um estudo do museu histórico de Acari**. 2002. 40 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2002.

MUNICÍPIO do Acary: obras públicas. Caicó, [19--]. Laboratório de Documentação Histórica/UFRN/CAICÓ/FCC/1ºCJ/DIV/CAIXA10. Transcrição paleográfica e digitação de Helder Alexandre Medeiros de Macedo.

NESI, Jeanne. A igreja de Nossa Senhora do Rosário de Acari. **Folha da Memória**, ano I, n. 003, fev. 1997.

_____. O museu histórico de Acari. **Folha da Memória**, ano IX, n. 043, abr. 2004.

NOBRE, Manoel Ferreira. **Breve notícia sobre a província do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1971.

OLIVEIRA, Hélio de. Restauração do retábulo da Igreja do Rosário. **Folha da Memória**, ano II, n. 13, dez. 1997.

SANTA ROSA, Jayme da Nóbrega. **Acari: fundação, história e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974.

SILVA, Sérgio Enilton da. O cruzeiro do galo de Acari. **Acari em Revista**, João Pessoa, ano IV, n. 4, ago. 1999.

SOUZA, Francinete Ferreira de Azevedo. **Entre histórias e balões: os festejos juninos em Acari - 1980 - 2000**. 2001. 53 f. Monografia (Especialização em História do Nordeste) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2001.

VITAL, Alaní Oliveira. **Gargalheiras: cenário produtivo de transformações sociais**. 2001. 73 f. Monografia (Especialização em História do Nordeste) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2001.

.. Glossário

ADOBE: Pequeno bloco semelhante ao tijolo, preparado com argila crua, secada ao sol, e que também é feito misturado com palha, para se tornar mais resistente; tijolo cru.

ALMOCREVADOS: Transportados por bestas de almocreve. Almocreve era a profissão do transportador.

ARTE RUPESTRE: Os desenhos, pinturas, etc., feitos nas pedras pelos homens pré-históricos.

BAÚS-DE-PREGARIA: Baús revestidos de couro e tacheados.

BOCA-DE-PIRANHA: Caneca de boca denteada para evitar que bebesses água diretamente na sua borda.

CANTARIA: Pedra para construção, esquadrejada segundo as normas da estereotomia.

CARITÓ: Pequena prateleira no ângulo da parede.

COMUA: Caixa de madeira com abertura no topo, montado sobre pequena fossa, usado antigamente como privada.

CONCHEADO: Que tem a forma de uma concha.

CORNIJA: Ornato que assenta sobre o friso de uma obra. Molduras sobrepostas que formam saliências na parte superior da parede, porta etc.

CORUCHÉU: Remate piramidal de edifício.

CUBICO: Pequeno quarto secreto, sem portas nem janelas, usado como esconderijo ou local para guardar valores. O acesso era por esta porta-secreta ou por cima da parede. Corruptela de cubículo.

CUNHAL: Ângulo saliente formado por duas paredes convergentes; esquina.

FRONTÃO: Peça que adorna a parte superior de portas e janelas, ou que coroa a entrada principal ou a frontaria de um edifício.

FRONTISPÍCIO: Fachada principal.

HERMA: Qualquer meio busto esculpido, ou estátua aplicada a um plinto.

PAÇO MUNICIPAL: geralmente corresponde ao espaço que ficava localizado em frente à administração local. No Período Colonial, quando as vilas eram administradas pelo Senado da Câmara, o Paço Municipal ficava localizado em frente ao edifício onde situava-se a Câmara Municipal (pavimento superior) e a Cadeia (pavimento inferior). Também designava a própria sede da administração local, seja no Período Colonial ou Imperial.

PEDRA FUNDAMENTAL: Pedra que é assentada, em geral com solenidade ... que marca o início de uma construção; primeira pedra.

RETÁBULO: Construção de madeira, de mármore, ou de outro material, com lances, que fica por

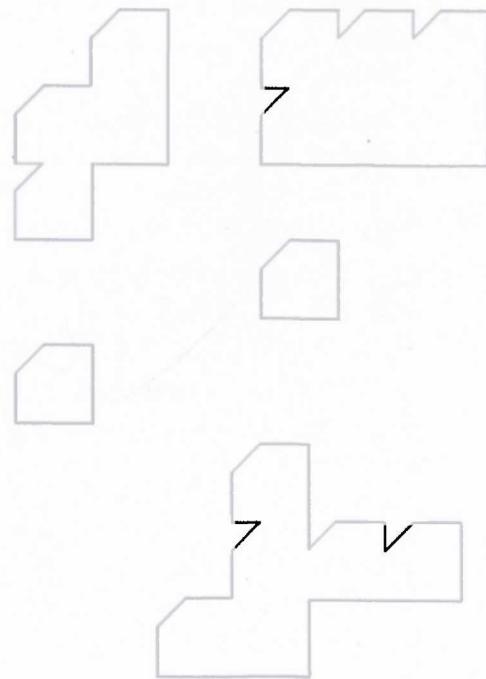
trás e/ou acima do altar e que, normalmente, encerra um ou mais painéis pintados ou em baixo relevo.

ROSÁCEA: Ornato arquitetônico em forma de rosa.

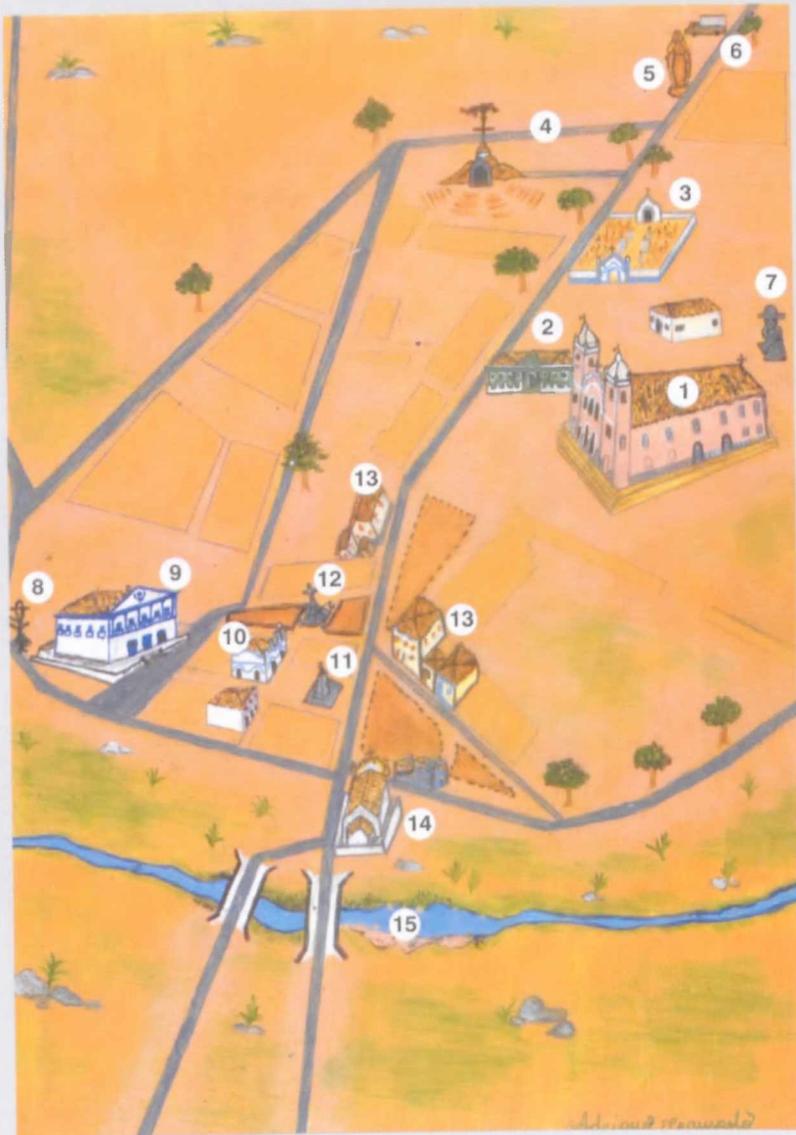
SECRETA: Pequeno cercado de faxina-vertical com entrada sinuosa, usado primitivamente na zona rural como privada das mulheres.

VIGÁRIO COLADO: Termo que remonta a época do Padroado, quando os vigários eram funcionários do Império. Para assumir uma Freguesia, os padres faziam uma espécie de concurso público. O aprovado submetia-se a uma cerimônia chamada colação, sendo investido nas funções próprias do pároco. Mesmo com o fim do Padroado, o termo permaneceu em uso até o a época do Concílio Vaticano II.

VOLUTA: Ornato espiralado de um capitel de coluna.



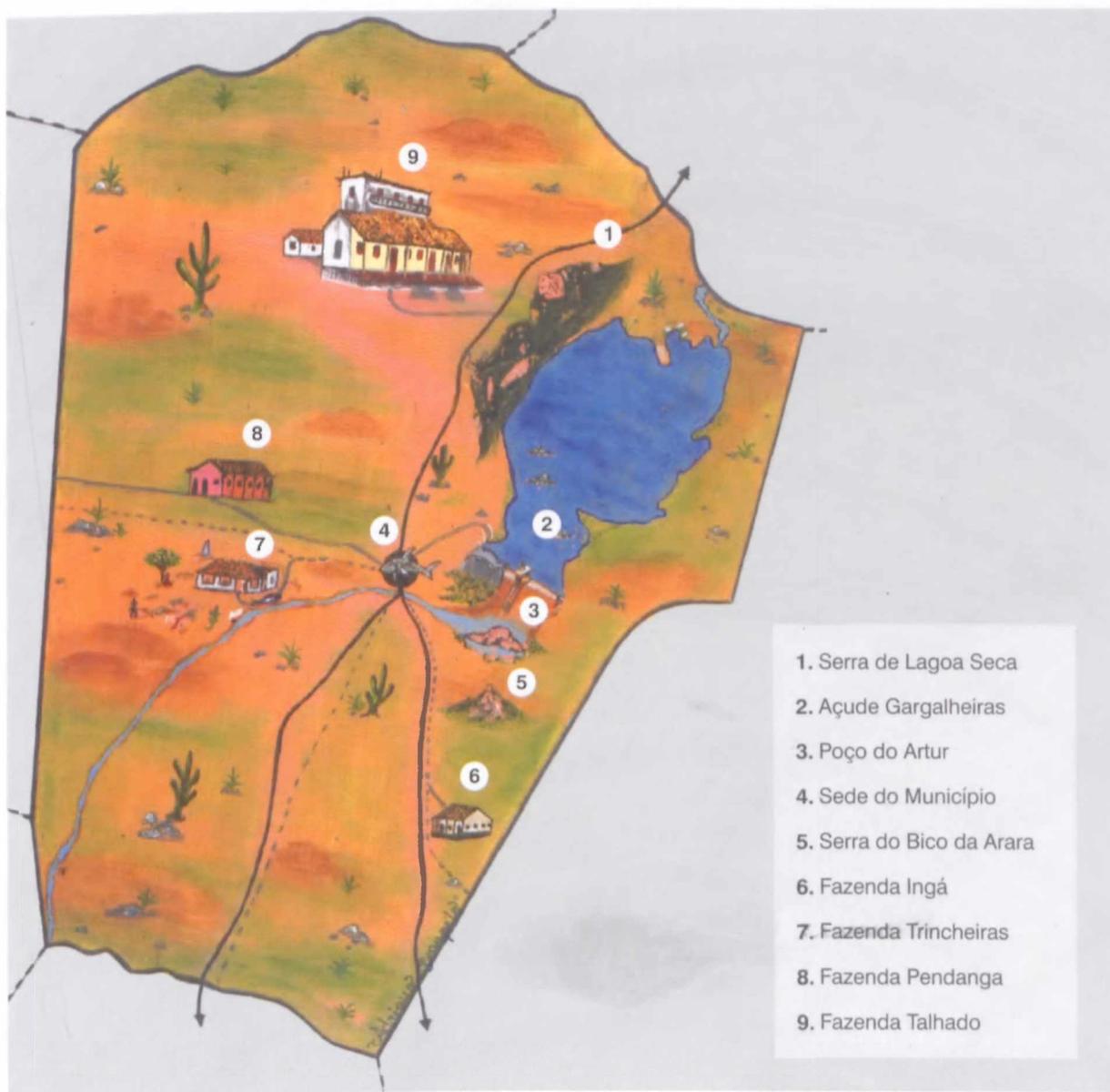
●● Anexo I
●● Acari - Roteiro Urbano



1. Matriz de Nossa Senhora da Guia
2. Escola Estadual Tomaz de Araújo
3. Cemitério Público São Vicente de Paulo
4. O Cruzeiro do Galo
5. Artesão Ambrósio
6. Artesão Manoel Jerônimo
7. Artesão Dimas
8. Artesão Dimauri
9. Museu Histórico de Acari
10. Mercado Público
11. Praça Coronel Silvino Bezerra
12. O Monumento a Octávio Lamartine
13. O Casario Urbano
14. A Igreja do Rosário
15. Poço do Felipe

•• Anexo II

•• Acari - Cercanias da Cidade





Parceiro dos brasileiros

Teleatendimento

0800 842020

www.rn.sebrae.com.br

ISBN 85-88779-10-2



9 788588 779105

